

**ANEXO 1**

**Escola I – *O grande mentecapto***

**ANEXO 1a**  
**EPISÓDIO DA PIROCA PRESA NA GARRAFA**

fumou cigarro de chuchu, fez coleção de favas, foi à missa aos domingos, assistiu fita de Tom Mix, Buck Jones e Carlito no cineminha da cidade, apanhou bicho-de-pé, pisou em urina de cavalo e ficou com mijação, armou arapuca no mato, jogou futebol com bola de meia, teve dor de dente de noite, foi coroinha na igreja, contou quantas vezes fazia coisa feia para se lembrar na confissão, procurou não mastigar a hóstia para que não saísse sangue, fez flautinha de bambu, ficou preso pela piroca num gargalo de garrafa, molhou o pijama de noite e teve medo de estar doente, ficou com pedra na maminha e perguntou à mãe o que era, se apaixonou pela filha mais velha dos italianos do empório, tirou o cavalinho da chuva, pensou na morte da bezerra, chorou escondido, teve medo, descobriu que o céu era imenso, teve vontade de morrer, ficou acordado de madrugada ouvindo o galo cantar sem saber onde, sentiu dores nos culhões, comeu a negra Adelaide e virou homem.\*

---

\*À margem das anotações recolhidas durante minhas pesquisas sobre a vida de Geraldo Viramundo, há uma rubrica de meu próprio punho que diz: "O episódio da negra Adelaide merece ser contado." Mas isto faz tempo que anotei, e não me lembro absolutamente o que apurei na época sobre a negra Adelaide, naquilo que concerne o nosso herói. (N. do A.)

**ANEXO 1b**  
**EPISÓDIO DA 'NEGRA ADELAIDE'**

fumou cigarro de chuchu, fez coleção de favas, foi à missa aos domingos, assistiu fita de Tom Mix, Buck Jones e Carlito no cineminha da cidade, apanhou bicho-de-pé, pisou em urina de cavalo e ficou com mijação, armou arapuca no mato, jogou futebol com bola de meia, teve dor de dente de noite, foi coroinha na igreja, contou quantas vezes fazia coisa feia para se lembrar na confissão, procurou não mastigar a hóstia para que não saísse sangue, fez flautinha de bambu, ficou preso pela piroca num gargalo de garrafa, molhou o pijama de noite e teve medo de estar doente, ficou com pedra na maminha e perguntou à mãe o que era, se apaixonou pela filha mais velha dos italianos do empório, tirou o cavalinho da chuva, pensou na morte da bezerra, chorou escondido, teve medo, descobriu que o céu era imenso, teve vontade de morrer, ficou acordado de madrugada ouvindo o galo cantar sem saber onde, sentiu dores nos culhões, comeu a negra Adelaide e virou homem.\*

---

\*À margem das anotações recolhidas durante minhas pesquisas sobre a vida de Geraldo Viramundo, há uma rubrica de meu próprio punho que diz: "O episódio da negra Adelaide merece ser contado." Mas isto faz tempo que anotei, e não me lembro absolutamente o que apurei na época sobre a negra Adelaide, naquilo que concerne o nosso herói. (N. do A.)

**ANEXO 1c**  
**EPISÓDIO DA APOSTA E DO BEIJO**

**A APOSTA**

uma tira de espanta-coiô, um vidro cheio de vaga-lumes, um pacotinho de pastilhas de hortelã-pimenta, um pião com a fieira, um canudo de lata, um beijo na boca e uma bexiga de boi — de acordo com as posses de cada um.

Geraldo Viramundo chegou com os bolsos cheios de bolinhas de vidro (nunca perdeu de ninguém na birosca), passou por baixo da cerca de arame farpado e subiu o barranco onde os outros já esperavam. De propósito tinha deixado que eles viessem antes, para dar mais importância ao acontecimento.

— Que é que você vai fazer? — alguns perguntaram.

Não se dignou de responder. Exigiu, antes, que enfileirassem na pedra grande do barranco tudo que eles apostavam. Menos a Cremilda, que perderia um beijo, segundo Geraldo tinha estipulado, porque senão não haveria nada.

— E você? — Cremilda quis saber. — Que é que você perde?

— Perco minhas bolas, já não falei? Dá mais de dez para cada um.

— Quero lá saber de bola de gude? — desafiou a menina, mãozinhas na cintura.

Geraldo riu:

— Então perco um beijo também, pronto.

E deu-lhes as costas, foi examinar um por um, com atenção, os objetos enfileirados em cima da pedra. Deteve-se num bodoque malfeito, de forquilha grande e torta.

— Isso é bodoque mais aonde! Não quero não.

João Molenga fez logo cara de choro.

— Tá bem, seu fresco, eu aceito: não é preciso chorar não.

Naná, o mais velho de todos, se adiantou:

## O BEIJO

bém o pasto. Na fuga, passou pelo Pingolinha, que corria com dificuldade com suas perninhas tortas.

— Corre, Pingolinha! — gritou alegremente.

Do outro lado do pasto, junto do campo de futebol, avistou Cremilda no seu vestidinho curto, encostada numa árvore, olhando para todos os lados, pálida, ofegante, transfigurada de medo.

— Cremilda!

Acercou-se dela correndo, segurou-lhe o rosto com as duas mãos:

— Cremilda, eu quero o meu beijo.

A menina só teve tempo de encará-lo com olhos enormes. Ele beijou-a com tanto ímpeto que os dois rolaram no capim, abraçados.

— Mais, Cremilda, mais!

E tornava a beijá-la, às gargalhadas. Cremilda chorava.

Mais tarde, a caminho de casa, Geraldo Viramundo se lembrou dos dois irmãos que já deviam ter chegado, e era provável que contassem tudo para os pais. Estremeceu de medo, achou que talvez fosse melhor chegar de noitinha, e persignou-se. Então se lembrou da promessa de vinte ave-marias e vinte padre-nossos. Resolveu rezar cinquenta, caso desta vez não apanhasse.

Rezou vinte.

**ANEXO 1d**

**EPISÓDIO DA VIÚVA PIETROLINA**

SABINO, F. **O grande mentecapto**. Rio de Janeiro: Record, 2004.p. 32-50.

## CAPÍTULO II

*Onde não se conta nada do que se passou com Geraldo no seminário de Mariana, mas se explica como ele saiu de lá e se tornou Viramundo.*

pela metátese do *ie* em *ei*, a sonorização do *t* em *d*, e a síncope do *r* (fenômenos etimológicos que seria ocioso enumerar aqui, não fora para revelar que estudei a fundo o assunto), transformou-se em Peidolina, ofensivo ao decoro da virtuosa família mineira. Diziam dessa viúva que seu marido morrera em circunstâncias bastante suspeitas e para ambos comprometedoras. Certo dia, amanhecera morto na cama, ao seu lado, e ela explicou, corando, que sua morte até que fora bem natural. Corriam uns versinhos entre a molecada:

*Mais um marido termina  
Comprometido ao morrer.  
Meteu-se com a Peidolina,  
Morreu de tanto meter.*

Pois essa Dona Peidolina, que terei por bem daqui por diante chamar apenas de viúva Correia Lopes, depois da morte do marido resolvera tornar-se virtuosa e ia todos os sábados à capela do seminário se confessar com um padre chamado Padre Tibério, segundo ela o único que a compreendia. Alguns, inclusive o Padre, sustentavam que ela ficara mesmo virtuosa. Outros, que ela estava tentando seduzir o próprio Padre.

Se havia alguma razão para duvidar do comportamento da viúva, além dos versinhos que acima transcrevi (mais pelo interesse folclórico do que pela qualidade literária), não me cabe cogitar aqui, já que a vida íntima dessa senhora só interessa ao nosso relato desde o momento em que veio a cruzar com a de Geraldo Viramundo. Tal cruzamento, se me permitem a expressão, se deu na própria capela do seminário, em circuns-

**H**AVIA em Mariana por essa época uma viúva, que se apresentava como a viúva Correia Lopes, não somente porque seu defunto marido assim se chamasse, mas também porque seu primeiro nome, Pietrolina,

tâncias que, para melhor entendimento, serei forçado a explicar com mais vagar.

Naquele sábado Geraldo Viramundo, então com dezoito anos, saiu da aula de Teologia com os colegas, mas em vez de se dirigir ao pátio, como geralmente faziam todos na hora de folga, foi para a capela, naquele momento deserta, para meditar um pouco. Era agora um rapazinho mirrado e triste, com duas espinhas na testa, precocemente envelhecido, a mocidade e alguns dentes irremediavelmente estragados, que sabia de cor os Evangelhos e vários trechos de Santo Agostinho. Nada na sua figura faria lembrar o menino que ele fora, nem sugeria o homem que ainda viria a ser. Estava, por assim dizer, num instante de transição em que a existência parece pairar em suspenso entre dois vazios ou entre dois mistérios que se completam; atingira aos dezoito anos aquele momento de não ter mais o passado como companheiro nem de reconhecer suas visões, que o escritor Mário de Andrade atingiu aos cincoenta. Esse momento, que é exatamente daqueles capazes de decidir um destino, talvez tenha sido toda a sua vida dentro do seminário, talvez tenha sido o exato minuto em que decidiu abrir mão das distrações do pátio em favor da meditação na capela — coisa que nunca lhe ocorrera antes.

Meditou, meditou, meditou. Em que meditava Geraldo Viramundo? Meditar em quê? Eis uma pergunta que um dia o próprio Geraldo fez, e o velho Padre Limeira não soube responder. Nem eu, tampouco, o saberia. Propus-me narrar as aventuras e desventuras de Geraldo Viramundo, e suas peregrinações, valendo-me dos dados que tenho à mão e jogando-os com a mesma objetividade com que o jogador manéja os dados propriamente ditos — o

que não incluí as suas meditações. Portanto, digamos genericamente que Geraldo Viramundo meditou no seu passado, nos irmãos distantes, na casinha de Rio Acima, na vida que já não tinha, na Cremilda e no Pingolinha, nos seus jogos de infância. Na verdade seus pensamentos, embora dessa ordem, deviam ser bem intensos, pois ao fim de certo tempo ele começou a chorar. E tanto chorou, sentado no banco da capela, que em breve suas lágrimas formavam uma larga poça nos ladrilhos.

Mas eis que a porta da capela se abre e entra o Padre Tibério. Para não ser apanhado em flagrante delito de choro, pois o Padre Tibério era bastante bondoso como homem, mas desgraçadamente chato como padre, Geraldo Viramundo se valeu da sombra de uma coluna para ocultar-se. O Padre, porém, não se dirigiu à sacristia, como era de se esperar, mas veio caminhando em direção ao altar-mor — e fatalmente surpreenderia o seminarista atrás da coluna se este não se refugiasse no confessionário.

Em duas faltas incorria Viramundo: a de estar chorando secretamente, pois não havia dor, nem aflição, nem sofrimento que passassem despercebidos a Padre Tibério naquele seminário; e a de estar meditando na hora de folga, o que, segundo a lógica do Padre, revelaria ter ele folgado na hora de meditar. A estas se somava agora uma terceira, bem mais grave, fosse ela descoberta — pois a gravidade das faltas, pelo menos no entendimento dos seminaristas, estava em se deixarem descobrir pelo Padre Tibério: a de ter-se escondido dentro do confessionário.

Mas Padre Tibério não o descobriu. Ajoelhou-se diante do altar-mor, fez o nome-do-padre e olhou para a porta, depois de consultar o relógio:

— A Peidolina hoje não veio — falou em voz alta.  
— Graças a Deus.

Tornou a ajoelhar-se, persignou-se outra vez e, depois de coçar-se por sobre a batina de maneira nada clerical, atravessou de novo a capela em direção à saída.

Assim que se viu só, Geraldo Viramundo pensou em sair do confessionário e da capela, para se juntar aos outros na hora de folga, que já devia estar terminando. Mas um irresistível abatimento o possuía depois da crise de choro, dando-lhe aos membros inesperado torpor. Esticou as pernas molemente, ajeitou-se no banquinho de madeira, encostou a cabeça na parede do cubículo e cerrou os olhos.

Novamente meditou, e novamente deixarei que ele medite em paz. Apenas direi que não meditou muito tempo, porque em breve o envolvia aquela preguiça que sucede às meditações, conhecida dos santos e eremitas, e aquele sono que sucede à preguiça: Geraldo Viramundo adormeceu.

**D**ESPERTOU-O a voz da viúva Correia Lopes, sussurrada através da palhinha:

— Demorei muito hoje, Padre Tibério?

Geraldo Viramundo, sobresaltado, se endireitou no banco e pensou imediatamente em levantar-se e sair do confessionário. Mas a voz da viúva o deteve:

— O senhor foi tão bonzinho em ter me esperado...

Houve um instante de silêncio. Viramundo pensava agora nas conseqüências que adviriam se saísse e se a viúva contasse para o Padre. Ficou calado, à espera.

— O senhor sabe? — prosseguiu a mulher, soprando através da janelinha: — Na última vez que eu me confessei, sábado passado, não tive tempo de rezar toda a penitência antes da comunhão. Ficaram faltando duas ave-marias e dois padre-nossos, que eu rezei depois. Tem importância, Padre Tibério?

Geraldo Viramundo continuava calado, pensando em dizer claramente: Eu não sou o Padre Tibério, minha senhora. A frase se revirava na sua cabeça, ele com medo de dizê-la. O suor começava a brotar-lhe da testa. Acabou deixando escapar apenas um “não”, com voz de padre em confessionário.

— Bem, então eu vou começar no ponto em que deixei no sábado passado.

E começou. Se há quem pense que vou passar agora a revelar os pecados da viúva Correia Lopes, muito se engana. Eles, por si só, bastariam para fazer com que Geraldo Viramundo de novo adormecesse, e com ele, eu e meus possíveis leitores — não fosse o que se passou em seguida.

Depois de desfiar seus intermináveis pecadinhos, a viúva Correia Lopes começou a estranhar o silêncio do Padre:

— Padre Tibério — ela chamou.

Era preciso responder alguma coisa. Geraldo Viramundo fez apenas “Ahn?”, através da janelinha, e continuou calado.

— Pensei que o senhor tivesse dormido...

Viramundo fez de novo “Ahn”, desta vez em tom

reticente. A mulher ficou em silêncio, à espera. Como ele não dissesse mais nada, comunicou:

— É só, Padre Tibério.

Se continuasse indefinidamente resmungando “ahn” dentro do confessionário, a viúva nunca mais iria emborara. E agora, que fazer? Havia o perigo de Padre Tibério voltar de uma hora para outra. Então pensou em falar apenas “está bem”, mas, em se tratando de pecado, não podia estar bem, e sim estar mal, muito mal, minha filha — qualquer coisa assim. Em vez disso perguntou, numa voz bafejada, o mais clerical que lhe foi possível:

— É só?

— É só — repetiu a viúva, temerosamente, e acrescentou: — Bem, Padre Tibério, há mais, e o pior. Quero lhe pedir um conselho.

— Ahn.

— É a respeito do meu marido. O senhor sabe, eu até já tinha esquecido tudo o que se passou, não é? Mas acontece que agora ele começou a me perseguir, o senhor nem imagina. Aparece para mim e me diz coisas, entro no quarto e ele já está lá na cama me esperando. Não agüento mais. E o senhor sabe o que ele quer.

— Ahn.

— Pois é. Ele quer, quer, quer. Não há quem agüente. Me atormenta que só o senhor vendo. O pior é que... eu também quero, e um dia eu acabo não resistindo. Como é meu marido, eu pensei... O senhor acha que eu posso?

Geraldo Viramundo já se esquecera das precauções e se interessava vivamente pelo que lhe contava a viúva:

— Pode o que, minha senhora?

A viúva levou um susto ante a pergunta, estranhando a voz diferente do Padre. Mas ainda assim prosseguiu:

— O senhor sabe, Padre! Ele quer dormir comigo...

— Ele quem?

— O meu marido!

— O seu marido já não morreu?

A essa altura a viúva Correia Lopes se convenceu de que definitivamente alguma coisa de errada se passava naquele dia com o Padre Tibério (o único que a compreendia), como já vinha desconfiando desde o princípio.

— Padre Tibério, o senhor hoje está muito esquisito. Geraldo Viramundo ficara indignado:

— Estou esquisito, primeiro, porque não sou o Padre Tibério. Segundo, porque acho esquisito é a senhora...

— Hein? O quê? Não é o Padre Tibério?

— ...vir me dizer sem mais nem menos que o seu marido, até depois de morto, ainda queira fornicar com a senhora. Pois não foi disso que ele morreu? Terceiro, porque se a senhora também quer...

— Quem é o senhor? Quem é o senhor?

— Sou um seminarista. Se a senhora também quer, então isso quer dizer que...

A viúva dava gritinhos:

— Um seminarista? Então eu me confessei com um seminarista? E o Padre Tibério? O que é que o senhor está fazendo aí dentro?

Geraldo Viramundo prosseguia, imperturbável:

— ...quer dizer, de duas, uma: ou o seu marido não morreu, e a senhora então não tem nada que estranhar ele querer, ou ele morreu mesmo e — que a paz do Senhor seja com ele! — a senhora está querendo fornicar com alguém mais. Os mortos não fornicam, Dona Peidolina.

— Peidolina é sua mãe!

— Perdão, minha senhora, não tive intuito de ofendê-la. Mas nada de confusões: a senhora não pode enganar o seu marido dormindo com ele próprio — e evidentemente te é a isso que a senhora quer chegar. Mas essa história está muito mal contada. Por que a senhora não conta para o Padre Tibério a coisa como ela é, sem essas sutilezas? São Paulo disse para as viúvas: “Todavia, se não têm continência, casem-se.” Epístola aos Coríntios, número sete, versículo nove. Por que a senhora não torna a se casar?

Nesse momento a viúva, já histérica, gritava a pleon de pulmões e xingava nomes de fazer corar um frade de pedra. Como Geraldo Viramundo não fosse frade e muito menos de pedra, mas seminarista, e de carne e osso, pouco se importou com a gritaria da viúva e já ia saindo calmamente do confessionário, quando chegou o Padre Tibério, todo afobado:

— Que foi que houve? Que aconteceu?

No dia seguinte Geraldo Viramundo era expulso do seminário.

que lhe acrescentavam. Diziam que o defunto aparecia mesmo para ela durante a noite, alguns até já o tinham visto entrar furtivamente a horas mortas pelo portão dos fundos. Outros diziam que a viúva tinha parte com o diabo. Outros diziam que o fantasma do marido lhe vigiava a casa, para fazer recair sua maldição sobre todo aquele que se aventurasse a cobiçar sua esposa. A esta hipótese, os homens da cidade se persignavam, atemorizados. Outros diziam que ele em vida sempre fora insaciável — pois não morrera disso? — e que para ele não havia mulher que chegasse. Ao que as mulheres da cidade intimamente confirmavam.

Devido à onda cada vez mais forte de comentários, alguns desairosos para com as tradições de virtude do lugar, o Prefeito, que fora amigo pessoal do morto, fez circular uma portaria proibindo genericamente quaisquer comentários sobre a vida íntima das viúvas e dos defuntos e recomendando àqueles que frequentavam a capela do seminário que antes verificassem bem com quem estavam se confessando, para que a falta de cuidado e discrição não desse margem futuramente a outros incidentes como aquele, tão comprometedores para com as honrosas (escreveu honrosas sem h) tradições de seu município.

Ah, para quê! O Padre Tibério sentiu-se atingido e tomou as dores dos fiéis, ou, mais propriamente, da viúva, a ponto de os infieis engrossarem o que já se dizia também dele com ela. No primeiro domingo que se seguiu, veio a público, ou a púlpito, para descompor o Prefeito, dizendo que os fiéis se confessavam como, onde e com quem bem entendessem, e acrescentando que a dita portaria não tinha por fim senão prevenir a

**O** INCIDENTE não terminou aí. Não se sabe como, a história da confissão da viúva Correia Lopes se espalhou imediatamente por toda a cidade, nos menores detalhes (o marido que até depois de morto ainda queria, e tudo mais), e em breve foi ganhando de boca para boca proporções fantásticas, em novos detalhes

divulgação de pecados das viúvas que por acaso o envolvessem, a ele, Prefeito, que haveria por melhor não comprometer a autonomia, garantida por lei, entre o poder temporal e o poder espiritual.

Os amigos do falecido Correia Lopes, a essa altura dos acontecimentos, resolveram que tudo aquilo era uma afronta à memória do homem, que na paz de seu túmulo não tinha mais nada a ver com os pecados da viúva, e assim sendo, organizaram naquela mesma tarde, como desagravo, uma romaria ao cemitério, com flores, discursos e tudo mais.

Ora, aconteceu que Geraldo Viramundo, expulso do seminário, sem a batina e sem aonde ir, tinha escolhido justamente o cemitério para passar suas noites, pensando muito sensatamente que, se aparecesse na cidade, sua presença poderia criar novos incidentes e mal-entendidos. Sabia que a princípio o procuravam para castigá-lo, que toda a cidade se erguera contra ele, e teria morrido de fome se não fosse um rapazinho seu conhecido (também expulso do seminário), o Alphonsinho, empregado da Padaria Papi, e poeta como o nome indica, lhe trazer diariamente uns pães às escondidas. No seminário o supunham em Rio Acima, para onde recebera ordem terminante de embarcar. Burlara a vigilância do irmão que fora levá-lo à estação, porque não queria partir sem um último adeus ao túmulo do poeta Alphonsus de Guimaraens, seu único amigo em Mariana, cujos versos sabia de cor. E acabou ficando por lá.

Já escurecia naquele domingo, quando Viramundo, descansando numa sepultura vazia que a erva cobrira e que havia escolhido para seu abrigo, viu a multidão invadir o cemitério, em direção ao túmulo do falecido

Correia Lopes. Pensou que o procuravam. Esperou que chegasse bem perto, e quando já estavam ao alcance de sua voz, levantou-se na sepultura, gritando para eles, revoltado:

— Por que me perseguem, escribas e fariseus hipócritas? Sepulcros caiados de branco! Por que não me deixam em paz?

Ao verem aquele vulto sair da cova e, emoldurado pela lua imensa como um balão de papel que já surgia no horizonte, a agitar os braços para eles, dizendo aquelas palavras, os homens estacaram, paralisados de terror. Um segundo depois se punham em debandada, tropeçando em túmulos, pisando em sepulturas, aos atropelos, fugindo todos em direção ao portão do cemitério, como se mil almas penadas os perseguissem:

— E ele!

— É o marido da Peidolina!

— Ele vai se vingar!

Já distantes, se reagrupavam, apavorados, entreolhando-se em grande confusão. Alguns afirmavam ter visto o próprio demônio, com os braços para cima, olhos em fogo, a gritar que se afastassem, fossem embora.

Viramundo os havia seguido, sem saber por que fugiam, e ninguém tinha dado por ele, ninguém o tinha visto. Alguns se detiveram no botequim para virar uma cachaça, e contavam para os que lá estavam, em largos gestos, com os olhos esbugalhados, o que havia se passado no cemitério. Em seguida saíram, e a multidão na rua ia se engrossando.

— Que é que vocês vão fazer? Para onde vocês vão? — Para a casa da viúva.

As mulheres deixavam as suas portas e, munidas de

panelas, achas de lenha e porretes, se juntavam a eles. Os moleques, anteendo o divertimento, recolhiam pedras pelo caminho e gritavam, se empurrando, para fazer movimento. Os homens marchavam, decididos, secundados pelas mulheres:

— Aquela ordinária há de ver.

— Sem-vergonha! É preciso que o marido se levante no túmulo para pedir paz, e nem assim ela toma jeito.

— Fora com ela!

— O coitado há de ser vingado.

Alguns iam contando de passagem o que tinham visto no cemitério e os que não tinham visto também contavam, em palavras disparatadas, aumentando a confusão. Viramundo seguia entre eles, impressionado, sem entender direito o que se passava. Alguém surgiu correndo a sobraçar uns foguetes, que vinham sendo guardados para algum futuro comício político:

— É hoje, pessoal! É hoje!

Uns estavam contentes como em dia de festa, entusiasmados e felizes por ver quebrada a pasmaceira em que vivia a cidade. Outros caminhavam enraivecidos, dispostos a tudo. Os que seguiam na frente iam anunciando de passagem, num rumor que descia pela rua como uma enchente:

— Vão acabar com a viúva. Vão acabar com a viúva. O Prefeito, que jogava bisca na sala de visitas de sua casa, ao ver o povo passar em frente à sua janela, saiu para a rua, seguido dos parceiros, ainda com as cartas na mão:

— Que aconteceu? Vocês estão loucos?

Um cidadão chamado Serafim, que tinha velha diferença com a prefeitura por causa de uma questão de

demarcação de terras, aproveitou-se da confusão para dar um empurrão no Prefeito:

— Fora do caminho, gostoso.

Os que vinham atrás secundaram, mais respeitosos.

— Fora, seu doutor; isso não é serviço pro senhor não.

O Prefeito saiu a correr, à procura do delegado.

**EM FRENTE** à casa da viúva a multidão se aglomerava, irrompendo em vaia e gritarias. Foguetes espocavam, pedras cruzavam o ar, indo bater nas vidraças, que se partiam com estardalhaço, retinindo:

— Fora com a Peidolina!

— Fora com ela!

Ao fim de algum tempo uma das janelas se abriu, e, para surpresa geral, quem apareceu foi o próprio delegado, braços estendidos pedindo calma:

— Mas que desordem é essa? Que significa isso? Então nesta cidade não existe mais respeito nem decência? Com que direito tratam assim a uma pobre senhora que não fez mal nenhum? Se alguém tem de decidir aqui quem é culpado ou não, este alguém sou eu e mais ninguém. Eu represento a lei, e a lei tem de ser respeitada!

Aos poucos a multidão se calara, esperando que o delegado estivesse partindo para um discurso. Mas as palavras lhe faltavam e ele parecia em grande confu-

são. Alguém se aproveitou para gritar, valendo-se do anonimato:

— E o senhor? Que é que o senhor estava fazendo aí dentro com ela?

As gargalhadas estouraram, enquanto o delegado estendia de novo os braços, pedindo calma. Mas alguém abriu caminho entre a multidão, a gritar:

— É isso mesmo! Que é que você está fazendo aí com aquela sem-vergonha? Assim que você foi jogar na casa do prefeito, seu safado?

Era a mulher do delegado. À vista dela, o homem houve por bem sumir incontinenti da janela. Alguns instantes mais tarde ganhava a outra rua pela porta dos fundos, e ninguém ficou sabendo como foi que ele chegou em casa naquela noite, se é que ousou chegar.

Por um momento a janela permaneceu vazia, e a gritaria recomeçou, ensurdecedora. Os foguetes tornaram a estourar. De um segundo para outro, contudo, se fez um silêncio completo: a viúva acabava de surgir à janela e os contemplava, sem uma palavra.

Sua aparição foi tão surpreendente que de repente ninguém sabia o que falar. Mas um dos homens, chamado Seu Genésio, dos Correios e Telégrafos, e que parecia ser quem comandava a turba, gritou para ela:

— Se você quer dormir com seu marido, ele está lá no cemitério esperando!

Tanto bastou para recomeçar a assuada. Mas a viúva ergueu o braço, expondo-se ainda mais na janela e arriscando-se a levar uma pedrada de uma hora para outra. Todos agora pediam silêncio para ouvir o que ela tinha a dizer.

— Quero sim, Genésio — falou ela, com voz pau-

sada. — Prefiro dormir com um defunto a dormir de novo com você.

A mulher de Seu Genésio, que era uma das mais exaltadas, e que ao lado dele ameaçava a viúva com os punhos cerrados, voltou-se para o marido aos pescções, para tirar aquilo a limpo imediatamente.

— Esta mulher está louca! — defendia-se ele, tentando proteger-se com os braços em meio às gargalhadas dos demais.

— Vinha fazer plantão na minha casa! — gritou a viúva, agora dirigindo-se diretamente à mulher dele.

— E os Correios que se danem!

— Juro que isso é invenção dela! Essa vaca há de me pagar! Posso explicar tudo!

Mas a mulher não queria saber de explicações e o empurrava, aos berros:

— Eu bem que desconfiava disso! Eu bem que desconfiava!

A confusão chegara ao máximo e agora eram as mulheres que gritavam:

— Fora com ela! Fora com a Peidolina! Fora! Fora!

— E você também, Serafim! — continuava a viúva, lá da janela, como se nada daquilo fosse com ela. — Quem é que falava que eu tinha os peitinhos atrevidos, quem? Fala agora, se você é homem! E o senhor também, seu Campelo! Não precisa fazer essa cara feia não, que eu sei bem o que o senhor quer! Se sua mulher não deixa, eu é que vou deixar? E você aí, Nonô, que tem uma coisinha de nada, uma coisinha deste tamanho? E você, Petronilho? E o Doutor *Carlinhos*? (Carlinhos era, na intimidade, o próprio Prefeito.) E você, Simão?

Seu Jorge? Marcelino? Vidigal?

Aviúva Correia Lopes havia dormido com a cidade inteira.

O Padre Tibério tentou abrir caminho para intervir, mas foi engolido pela multidão. A exaltação de ânimos era completa e ninguém se entendia mais. Enfurecidos, alguns tentavam agarrar a viúva, estendendo freneticamente os braços, agrupados sob a janela baixa. Pedras voltaram a surgir de todos os lados e só por um milagre nenhuma alcançara ainda a mulher. Alguém atirou uma panela de ferro que arrebentou violentamente a outra janela, com caixilhos e tudo. Cacos de vidro feriram vários na multidão e a panela foi atirar a cabeça do Nonô, o que tinha uma coisinha de nada.

Depois de fazer publicamente a confissão de seus pecados, a viúva se entregara a uma desesperada crise de choro, debruçada na janela, contorcendo-se como num ataque histérico. Um dos homens conseguiu num salto puxá-la pelos cabelos, e por pouco ela não vem abaixo, arrancada para fora da janela de cabeça. Conto tudo isto com pormenores porque aquele a quem interessa o nosso relato, Geraldo Viramundo, estava, como já disse, em meio ao povo, a tudo assistindo sem que dessem por ele. Naquele justo momento, isto é, quando o homem começou a puxar os cabelos da viúva, ele conseguiu intervir diretamente, o que não fizera antes por impossibilidade de abrir caminho e chegar ao pé da janela. Estando finalmente ali, deu um violento coice na canela do homem, obrigando-o a largar os cabelos da viúva com um grito de dor. A multidão se movimentava, fremente como uma onda humana. Aqui e ali se generalizavam as primeiras brigas, originadas pelas mulheres, que haviam resolvido esclarecer imediatamente com os

respectivos maridos as comprometedoras revelações da viúva. Gritos de mata! mata! saltavam já de todos os lados, e se havia um momento propício para matar alguém, esse momento tinha chegado.

Sem perda de tempo, Viramundo galgou agilmente a janela, antes que o homem a quem havia chutado pudesse revidar, e postou-se ao lado da viúva. A pobre mulher, caída de bruços sobre o parapeito, tinha o rosto escondido nas mãos e parecia desmaiada. Viramundo ergueu os dois braços e começou a gritar, pedindo silêncio. Ao vê-lo, a multidão acabou reconhecendo-o e ganhou fôlego novo:

— É ele! Pega! Pega! É o seminarista!

Viramundo ficou de pé no parapeito da janela para que não o alcançassem, e mal se equilibrando, desandou a berrar, furibundo, ainda que não o escutassem:

— Matem, matem logo! Mas me matem a mim primeiro! Ninguém encosta a mão num fio de cabelo dessa mulher sem passar por cima do meu cadáver! Jesus disse para os fariseus: "Aquele que dentre vós está sem pecado, seja o primeiro que lhe atire uma pedra." São João, capítulo oito, versículo sete. Pois atirem a primeira pedra!

Aquele a quem ele havia chutado na perna minutos antes, que tocara não só num fio de cabelo da mulher mas em todos eles, tomou distância em meio aos outros, gritando:

— Pois lá vai ela!

E atirou uma certa pedra, que foi atingir em cheio a testa de Geraldo Viramundo. Perdendo o equilíbrio, ele tombou ao chão, na rua, sem sentidos. Ainda assim o moeram de pancadas e pisadelas. E teriam literalmente passado por cima do seu cadáver, se naquele

momento o destacamento policial que o delegado acabara providenciando não tivesse chegado, botando a multidão em debandada a golpes de sabre. Depois os soldados da polícia deram com Viramundo ainda no chão, todo machucado e acabando de voltar a si. Reconheceram-no como o responsável pelos acontecimentos que abalaram a vida daquela até então pacata cidade, e resolveram por conta própria jogá-lo fora dela.

Assim, carregaram-no até a entrada da cidade e o atiraram na poeira, dizendo, enquanto esfregavam as mãos:

— Vá baixar noutra freguesia!

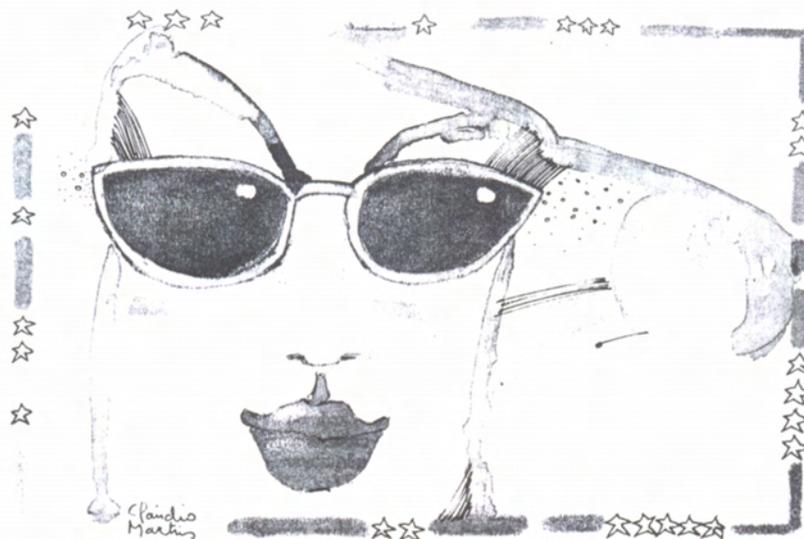
Geraldo Viramundo ergueu-se, sacudiu a poeira da roupa e gritou de longe para os soldados:

— Deus vos livre da iniquidade, prebostes!

Voltou-lhes as costas, começando a palmilhar a longa estrada noite adentro, sob a claridade da lua e das estrelas. E foi assim que, aos dezoito anos, Geraldo se tornou Viramundo.

**ANEXO 2**  
**ESCOLA I**  
**MULHERES LIVRES E INDEPENDENTES**

MULHERES LIVRES E INDEPENDENTES



**Submissas, passivas, e dependentes** — não; as mulheres norte-americanas não são assim. Elas podem hoje ser classificadas, tranqüilamente, como entre as mais independentes do mundo.

Independentes para tudo: o exercício do trabalho; o desempenho de altos postos na **iniciativa privada**; o porte de uma arma de fogo; a participação em movimentos públicos.

Em determinados países, até parece que as mulheres nasceram só para serem mães e donas-de-casa, sempre submissas aos maridos machões, autoritários e **prepotentes**. Não é este, positivamente, o caso das mulheres nos EUA. São independentes no alcance máximo desta palavra.

A mulher norte-americana, para atingir tal grau de independência e um sentimento muito forte de direito à **privacidade**, hoje em dia, teve de lutar muito e batalhar por esses degraus que subiu na escala social. Não ficou **resignada** e passiva. Enfrentou tudo com coragem e **obstinação**.

Em certos países, os homens costumam pensar que as únicas funções adequadas para a mulher são de secretária, telefonista ou **escriturária**. Se for profissional liberal, pode ser, no máximo, psicóloga ou **assistente social**. Mas isto já está mudando. E mudou há vários anos nos EUA.

Você vê a mulher por toda parte, em funções mais ou menos nobres: dirigindo táxi e ônibus em New York; **inspecionando** passaportes na **Alfândega**; revistando e prendendo criminosos na rua; descarregando aviões nos aeroportos; controlando os despachos dos vôos; atendendo os usuários nas **locadoras** de carros; dirigindo o **Monorail** em Disneyworld; pilotando um táxi aéreo; e sentada à mesa de reuniões das grandes corporações industriais e financeiras.

Foi-se o tempo da Amélia, mulher de verdade, que dava banho nos filhos, cozinhava, encerava, limpava, lustrava, engomava, e lavava a roupa e ficava à vontade, e à noite servia docilmente ao seu amo e senhor. E aqui entra o lado trágico da história: este é o país com o maior número de divórcios no mundo.

Hélio Fraga — *Andanças* — Editora Lê, 1987.

Fraga, H. Mulheres livres e independentes. In.: A. F. de Carvalho *et al.* **Português hoje: comunicação viva**. Belo Horizonte, MG, Editora Lê, 1989. p. 30-1.

**ANEXO 3**

**TRANSCRIÇÃO DE FITAS**

**ANEXO 3A**

**TRANSCRIÇÃO DE FITAS – ESCOLA I**

PESQUISA DE CAMPO

2004

TRABALHO COM O LIVRO: O GRANDE MENTECAPTO, DE FERNANDO SABINO

FITA 1

8ª A

Ester: Agora, preste atenção! Quando a gente começar o trabalho, eu gostaria que (...) quem já leu o primeiro capítulo levanta a mão.

A sala: eu

Ester: Tá bom! Agora, presta atenção! O primeiro capítulo é até a página 30. O primeiro capítulo é até a página 30.

*Tumulto*

Ester: Vamos entregar, a cada um de vocês (*psiu!*) ...não sei se todo este barulho está vindo lá de baixo! Se for o barulho lá de baixo, nós vamos fazer o trabalho, se não for, se for barulho aqui da sala, eu vou dar zero pra todo mundo! E é o seguinte: esse trabalho, nós vamos fazer (*psiu!*) por aula, de biblioteca e em casa. Então, vai ser o seguinte: eu fiz um roteiro com todos os capítulos do livro, esse roteiro vai ajudar você a ler o livro, então vejam só: o primeiro capítulo é um capítulo muito tranquilo, que está apresentando nosso personagem principal, quem é ele?

A sala: Geraldo Viramundo.

Ester: Geraldo Viramundo. Preste atenção! Geraldo Viramundo é filho de quem?

Guido: De um português chamado... (...).

Ester: português com italiano... você está escutando, né, Gustavo? E o Geraldo Viramundo é o nosso personagem principal. Ele começa... ele começa com que idade, mais ou menos?

Guido: 10 anos.

Ester: Mais ou menos 10 anos. Então, preste atenção: eu estou entregando para vocês, eu vou dar, quem já leu, quem já leu vai começar a responder... Quem não leu, eu vou dar 10 minutos, 10 minutos, quem leu já vai começar a responder, quem não leu vai ter 10 minutos para ler o primeiro capítulo. Quando der 10 minutos eu vou começar um trabalho diferente com vocês. Então, agora, eu quero todo mundo trabalhando, quem não leu lendo e quem leu fazendo a atividade, pois nós vamos ficar o segundo trimestre inteiro nesse livro. Então, preste atenção, é pra ir lendo em casa, principalmente quem pegou o livro emprestado da biblioteca, tem que ler o mais rápido possível. Eu quero que leiam em uma semana. Mas, se não der tempo, eu vou pedir pra renovar, mas tentem ler, quem pegou emprestado, pois tem outros meninos querendo o livro. Antes, só um pouquinho, o que eu quero de vocês agora? Prestem atenção: os meninos que começaram a ler o livro agora, agora, levantem a mão. tudo bem. Preste atenção no que eu vou te perguntar: até agora, o que você leu?

Joaquim Nunes: Olha, fessora, ele fala dum cara aqui...do Geraldo Viramundo...

Ester: Quem é Geraldo Viramundo?

Joaquim Nunes: Ah, fessora, eu li aqui mas não sei não...

Ester: Carlos, quem é o Geraldo Viramundo?

*(O aluno chamado não responde).*

Ester: Brenda, quem é Geraldo Viramundo?

Brenda: Começa falando do pai dele, que veio com os imigrantes, aí, parece que ele tinha tipo um bar, parece, né, na beira de uma estrada, que passava muitos carros, aí começa a falar da infância dele, que toda vez que ele saía da escola, ele ia prum rio... Sobre a infância dele, tudo o que ele fez de menino, ele era um menino sapeca, né? E... foi isso tudo até agora o que li.

Ester: Certo. Vander, o que é, se você lembra, de alguma coisa que ele fazia na infância que é diferente do que vocês fazem hoje?

Leonardo: Ele parou o trem...

Ester: Ah, perai, Leonardo, ele parou o trem... "Leonardo, parou o trem" olha só, depois você quer que a professora te ajuda, depois...

Leonardo: Ele enfiou no meio do trilho lá, olhou que o trem veio e freou...

Ester: Quem freou?

Leonardo: O freio freou, para não matar ele, aí foi o menino salvar ele, aí o menino morreu.  
Ester: Você lembra o nome do menino que morreu?  
Leonardo: Pingolinha.  
Ester: Pingolinha... O nome do menino que morreu era Pingolinha... Gente, o que quer dizer esse nome, Pingolinha?  
Tatiana: Assim, assim no sentido...  
Ester: Ocular.  
José Valério: Pingolinha? É um negócinho pequeno, "tchutchuca"...  
Ester: O que é "tchutchuca"?  
Joaquim Nunes: Pipiu...  
Ester: Pipiu?  
Joaquim Nunes: É!  
Ester: Será que aí no livro faz menção a esse nome dele, em algum lugar?  
Carlos: Só de ver o apelido dele já dá pra perceber.  
Ester: Certo, mas o interessante é que o livro fala que o Pingolinha foi lá fazer a mesma coisa que o Viramundo, só que ele foi morto, ele morreu. Mas o Pingolinha, eu procurei pra ver se tinha a ver com pipiu pequeno, não fala. Pode até ser, mas não fala...

*Comentários sobre "pipius" grandes e pequenos.*

Ester: Gente, quando eu era pequena, tinha um lugar que a gente passava, assim, uma madeira, separando um riozinho, pra gente passar, a gente chamava de pinguela. A gente passava na pinguela... Agora, só um pouquinho, o nosso personagem do livro, o nosso personagem principal, é o Geraldo Viramundo, só que, preste atenção, o Leonardo me disse, Mariana, que tem um momento no livro que o Geraldo resolve ser padre... Eu gostaria, Mariana, se você soubesse, você já chegou nesse ponto? Por que ele resolveu ser padre? Bem rápido, explicando...

Mariana: Assim que o menino morreu, antes eles gloriavam o menino, o Viramundo, porque ele parava o trem. Assim que o menino morreu, eles começaram a culpá-lo, né? Aí ele começou se sentir mais irritado ainda, todo dia ele ficava pensando em tudo o que aconteceu, ele passou a refletir mais, um padre foi morar na casa dele, aí ele conversou muito com o padre, o padre tava ensinando muita coisa pra ele, e aí ele ficava fazendo perguntas e deixava o padre intrigado, porque, tipo, "Ah, o que é ser padre?", "Por que tem que ser padre?", "Qual a diferença?", Até que ele foi entendendo, foi falando que era uma coisa de reflexão, uma representação de Deus aqui na Terra, e ele foi se interessando, até que ele resolveu ser.

Ester: Voltando aqui para esse grupo, vamos pegar o gancho com o que a Mariana falou. O padre, que incentivou, né, depois que ele mostrou que gostaria de ser padre, o padre incentivou a isso. Isso tudo aconteceu no primeiro capítulo. Só que, teve uma coisa que aconteceu no primeiro capítulo, que foi a posse, quem não leu ainda vai se interessar muito, que o primeiro capítulo é muito interessante. Tem momentos que ele desafia o trem a parar. Por que será que esse trem não parava naquela cidade que se chamava *Pinhuaçu*. Então ele sai na frente do trem, como o Leonardo disse, e o trem pára, e aí o coitado do Pingolinha vai e morre, ele quis fazer a mesma coisa, mas não teve jeito. Só que tem um momento que ele aposta que o trem vai parar, ele aposta o que, gente? Qual foi a aposta, gente?

*Tumulto.*

Ester: Ele aposta a coleção de bolinhas de gude e...?

A sala: Um beijo.

Ester: Um beijo com quem? Com a Cremilda.

*(Tumulto)*

Ester: Isso, isso que eu queria falar. Repete o que você falou em voz alta.

Cristiano: Aí ele empolga na hora que vai beijar ela e sai rolando na grama...

Ester: Na cama?

A sala: Na grama...

Ester: Na grama... Quando ele beija a Cremilda, ele fala assim, vocês lembram do que ele fala? "Mais, Cremilda! Mais, Cremilda". O que vocês acham que foi? Sentimento, mesmo? Ou...ele apostou um beijo e a coleção de bolinhas de gude. Quando ele ganhou, quando o trem parou, o que ele fez com as bolinhas de gude?

*Tumulto.*

Ester: dez bolinhas de gude pra cada menino. Só que o que eu achei interessante é que ele saiu correndo atrás de quem?

A sala: Cremilda.

Ester: Vocês sabem se os meninos assistiram o beijo?

A sala: Não.

Ester: Os meninos correram, fugiram correndo do maquinista

*Tumulto.*

Ester: a coleguinha achou que não foi só emoção. E ele dizia que ia ganhar a aposta e ganhar o beijo (...) Mas depois eu fiquei achando que os dois fossem ter um namoro... não se falou mais nisso, falou, gente? Quem leu o livro todo? Não fala mais na Cremilda. Foi só aquela coisa ali daquele momento. Ele que era assanhado ou era a Cremilda?

*Tumulto*

Ester: Agora, eu quero o seguinte: quero que um aluno, agora, nesse momento, conte para os colegas, com as suas palavras, o primeiro capítulo do livro.

*Tumulto.*

Ester: Eu não vou escolher, eu quero alguém... *(passa-se um tempo e o aluno Guido se manifesta)*. Quem não leu o livro ainda vai prestar atenção, que na fala do Guido vai estar o trabalho. Tudo o que ele falar aqui agora será importante para o seu trabalho. Vamos lá, Guido.

*Tumulto.*

Guido: O primeiro capítulo conta, é tipo se fosse a introdução da vida do Viramundo, até a parte em que ele começa a fazer as andanças dele pelo país. Ele conta sobre a família dele, a vida que ele tinha na cidade, como foi as experiências que ele teve na infância, todas as coisas que ele fez, as coisas que ele adquiriu... bem, conta um pouco de tudo. Conta como as pessoas reagiam, né? Era uma vida tradicional, de interior, um povo muito fechado, que era muito conservador em certas questões... aí ele resolve virar padre, sair da cidade, ver se dá certo... é isso, é uma leitura sobre a vida dele.

Ester: Eu quero que na próxima aula, preste atenção, próxima aula nossa é quinta-feira. O Joaquim Nunes, o Joaquim Nunes vai trazer para mim um resumo *(o aluno protesta pela escolha, e Ester, a professora, lhe diz que ele está precisando de nota)*. Numa folha de cartolina, o resumo do primeiro capítulo do livro "O Grande Mentecapto". O resumo do primeiro capítulo, Joaquim Nunes. Do segundo capítulo, o Vander vai trazer pra mim o resumo numa folha de cartolina, o segundo capítulo... para quinta-feira. Na quinta-feira, o terceiro capítulo, o Carlos vai trazer. Tem que ler o primeiro e o segundo, porque senão não faz o terceiro. Tudo uma seqüência. O quarto capítulo quem vai trazer é o Marcos, tem que ler o primeiro, o segundo, o terceiro e o quarto, numa folha de cartolina. Precisa da folha de cartolina? Pode pegar a folha de cartolina com a Divina, vou deixar falado, a Divina lá embaixo dá uma folha de cartolina. Então nós teremos resumido, quatro capítulos, até quinta-feira. Então, todos vocês têm que trazer para mim os quatro capítulos lidos, todos vocês. Agora, vocês, os outros que eu não falei o nome, tem que trazer os quatro capítulos até a próxima terça-feira, os quatro tem que trazer até quinta-feira o resumo por escrito. Tudo bem? Vocês entenderam? Repetindo: só quem eu falei o nome. Atenção, vou repetir: Joaquim Nunes, Carlos, Vander e Marcos resumo dos capítulos que eu falei. Os outros têm que ler até o quarto capítulo para terça-feira. Ler. Esse exercício que vocês receberam agora vai ser terminado aqui na terça-feira.

Sinal

FITA 2

8ª B

9 de junho de 2004

Lane: (...) das confusões que ele aprontou, então ele vai para o seminário...

Ester: Ele vai para o seminário?

Lane: Vai para o seminário.

Ester: Quem quer continuar o segundo? Resumir o segundo capítulo, esse aqui é o nosso trabalho de hoje. Aqui...

Lauro: Uai, fessora, os fatos mais importantes do segundo capítulo foi o seminário, né? Que ele participou, e a bagunça que ele fez na cidade de Mariana.

Ester: Gente, vocês acham que o Geraldo Viramundo é um dedo-duro?

A sala: Não!

Ester: Não? Porque um dedo-duro é aquele que... que...

Ernesto: É aquele que fala muito das coisas dos outros. Tipo assim: o outro tá fazendo uma coisa, que não devia fazer, aí eu vou lá e falo.

Ester: E o que o Geraldo Viramundo fez, quando ele dedou. Dedou quem? A viúva. O que a viúva contou pra ele?

Jane: Que ela tinha vontade de transar com o marido, mas o marido estava morto.

*Tumulto*

Ester: Mas, me diga, eu fiquei assim impressionada com essa viúva, porque alguém, essa viúva, ela... tem um certo momento no livro que fala que ela andou transando, fornicando, com outros homens da cidade. Vocês viram isso?

*Tumulto*

Ester: Mas alguém fez uma pergunta, quando eu fui ler as respostas de vocês, alguém perguntou assim: se ela transou com quase todo mundo, será que ela transou com o padre? Alguém fez essa pergunta, o que vocês acham?

*Tumulto.*

Ester: Peraí, só um pouquinho, senão não tem jeito. Jane, você acha que ela transou com o padre?

Jane: Não, eu acho que não, porque... o padre ainda, sei lá, querer conversar com ela, sei lá...

Arlindo: Eu acho, fessora, porque ela chegou lá, ela só falava com o tal padre lá, eu acho que ela tinha alguma relação mais assim, maliciosa, com aquele padre, que ela era íntima.

*(Segue-se uma discussão entre os(as) alunos(as), para se saber se a viúva gostava ou não gostava do padre, com todo mundo falando ao mesmo tempo).*

Ester: Atenção, o Mauro quer falar.

Mauro: Professora, eu acho que sim e não. Sabe por quê? Porque é no sentimento do cara, mas eu acho mais que sim, sabe por quê? Se a mulher conversava todas as coisas com o padre, (...) porque será que ele ficava caladinho, tal (...) depende do sentimento do cara. Se o cara quiser fornicar com a mulher... a gente não sabe ...

*Mais protestos.*

Maura: Eu também acho que não, porque ela já dedou os homens tudo pra cidade, todos os casos mais assim, então, porque não dedar o padre também?

*Mais protestos.*

Ester: Alguém perguntou também porque Viramundo protegeu a viúva, sendo que foi ele quem fez a fofoca, depois ele protegeu a viúva, alguém perguntou. Alguém sabe responder essa pergunta?

Lane: Quando ele dedou, ele na verdade fez aquilo sem intenção, ele não fez de má fé. Então, quando ele viu aquela confusão toda, ele já arrependido do que tinha acontecido, o máximo que ele podia fazer era defender a viúva. Tentar consertar o que ele fez.

Maura (...) os esposos e maridos acabaram, digamos, sendo um tipo de vítima, mas ninguém tava lá pra julgar a mulher, né? Problema da mulher se ela “dava” (...) ... Todo mundo tinha pecado, né? Até que o Geraldo falou da Madalena, e teve um cara que foi e atirou uma pedra na mulher, achando que ele nunca tinha pecado, isso é uma ignorância da parte dele, também.

*Alguém comenta que parece que a pedra atingido a cabeça de Geraldo, mas a voz feminina rebate, dizendo que a intenção de quem atirou a pedra era acertar a mulher.*

Ester: Gente, vocês acham que se fosse um homem que tivesse ido comentar com o padre, confessado com o padre que ele estava traindo, toda aquela confusão, se fosse um homem, vocês acham que a história seria a mesma?

A sala: Não.

*Tumulto.*

Ester: Tales, o que você falou?

Tales: O Viramundo nunca ia defender um homem, eu acho.

Ester: Tatiana?

Tatiana: Se fosse homem, todo mundo ia achar normal, ninguém ia ficar revoltado.

*(Protestos).*

Ester: Não falem juntos, levantem a mão. O que a Tatiana falou é sério. Repita, por favor, bem alto.

Tatiana: Se fosse homem, todo mundo ia achar normal, ninguém ia julgar.

Ester: Se fosse homem, todo mundo ia achar normal.

Lane: O homem deve ter desejos que a mulher não pode ter, decerto...

*Tumulto*

Lane: ... o homem é pegador, já a mulher é assanhada, já tem o preconceito... *(com ironia)*

Ester: Então, prestem atenção: levante a mão quem é que concorda com o que a Tatiana falou que, se fosse um homem, a cidade, a maioria, ia achar normal, levantem a mão por favor...

Cecília: Dezesesseis pessoas entre vinte e cinco alunos acham normal.

Arlindo: Uai, porque dependendo do homem, assim, ele também não faz nada, só alguns...

*(Protestos).*

Dimitri: Eu acho que...

*Risos de toda a sala*

Dimitri: a gente tá falando de um homem qualquer, porque ela também não era...

*Mais risadas.*

Ester: Nós estamos falando de um homem qualquer porque...

Dimitri: Porque se fosse falar do padre, o padre tem voto de castidade, tem um monte de coisas, daí ele ia ser julgado não só por estar traindo, mas por outras coisas também.

Ester: Agora vejam, vamos voltar aqui. Eu estive olhando, o nosso livro, se chama, o título, “O Grande Mentecapto”, e alguém me disse que mentecapto, não sei se foi dessa sala, mentecapto, no dicionário Aurélio, quer dizer louco. Vocês acham que até agora, no segundo capítulo, o Viramundo é um louco?

*A sala: (A classe se manifesta, porém, dividida. Não se ouve nem um “sim” e nem um “não” enfático).*

Ester: Levante a mão. Quem não falou ainda, vai falar um pouquinho agora, que é o Lauro, por exemplo.

Lauro: Ah, eu acho, professora, porque no primeiro capítulo ele ficou na linha do trem, e o outro menino foi fazer igual e morreu. E... no segundo capítulo, ele foi defender alguém contra a comunidade, onde foi apedrejado e expulso. Louco mesmo.

Ester: Tatiana.

Tatiana: Ah, eu acho que isso não é loucura, não. Acho que loucura é outras coisas, eu não considero isso loucura, não.

Ester: Aqui já temos um problema: tem o louco que o Lauro falou e tem o louco problema mental. (...) Nós temos dois tipos de loucura...

Lane: Eu acho que o que tem no livro é o seguinte: até o segundo capítulo, que é à parte do seminário, eu não acho que ele está louco, não. Mas quando ele chega em Mariana, começa a ficar na rua, aí sim, parece que desenvolve uma loucura na cabeça dele, sabe? Bem pra frente ele começa a fazer barbaridades, endoidar.

Maura: No começo ele era normal, depois, de certos fatos que vai acontecendo, ele vai endoidando. (...) E aquele "Pingolinha" foi burro de ir atrás dele...

Ester: O que é, Marcos?

Marcos: O "Pingolinha" foi imitar ele e acabou morrendo. Ele era criancinha e queria ser como o outro.

Ester: Mas, gente, voltando aqui. O livro se chama "O Grande Mentecapto", então a gente tem que entender realmente o que é mentecapto para o autor do livro. Ah, vamos lá, Marcos.

Marcos: Mentecapto: que perdeu a razão, louco, tolo.

Ester: Que perdeu a razão, louco, tolo. Esse perdeu a razão é forte. Até o final do livro, até o final da história, nos vamos voltar para saber o que é esse mentecapto para esse autor aqui. Pode falar...

Tatiana: Eu acho assim, que esse episódio do "Pingolinha", eu acho que trouxe um pouco de trauma pra ele, por isso que ele tá sempre tentando fazer alguma coisa e sempre dá errado, porque desde quando ele era pequeno, por causa dele, o menino morrer e ele ser odiado pela cidade inteira, eu acho que traz um trauma pra ele que ele não consegue mais fazer alguma coisa direito.

Ester: Agora, eu gostaria de retornar lá no livro, a viúva, eles chamam a viúva de "Peidolina". Ele explica porque "Peidolina". Alguém se lembra dessa explicação?

### *Tumulto*

Ester: Lá na página trinta e dois. Ela se chamava Pietrolina. Pietrolina. Tudo nós vamos estudar, (...) transformou-se em "Peidolina", ofensivo ao decoro da virtuosa família mineira. Quando ele falou em família mineira, porque que nós sabemos que a história acontece em Minas Gerais? Vocês já prestaram atenção?

### *Tumulto*

Ester: Até então se passa em Marta, depois passa para Ouro Preto. E depois? Alguém já chegou? Por enquanto, nós temos Mariana e Ouro Preto como referência de Minas Gerais. Outra coisa que eu queria discutir com vocês que eu acho que é importante... nós falamos da "Peidolina", falamos da loucura, né? A palavra mentecapto, falamos porque Viramundo protegeu a viúva, alguns responderam e, agora, eu gostaria que vocês pensassem pra mim, pra próxima aula, nas seguintes cidades: Mariana, Ouro Preto e Barbacena. São cidades mineiras, isso nós já sabemos... hã? Alguém falou?... Isso! Essa é a palavra chave. Queria que vocês trouxessem pra mim na próxima aula isso, mas ele já sabe, são cidades históricas, isso lembra o que?

### *Tumulto*

Ester: São cidades históricas. O que é que de importante aconteceu na história do Brasil nestas cidades? Vocês se lembram?

A sala: Inconfidência Mineira

Ester: Isso, Inconfidência Mineira. E o que lembra Inconfidência Mineira? O que foi a Inconfidência Mineira? Quem estava envolvido? Qual o personagem principal da Inconfidência Mineira?

A sala: Tiradentes.

Ester: Tiradentes. Tiradentes servia para tirar dentes, servia para isso?

### *Risadas*

A sala: dentista.

Ester: Ele era, mas ele serviu para que? O que ele é no Brasil hoje? Um mártir, lembram? Vocês estudaram isso? O que ele fez para ser um mártir?

Lauro: Ele lutou contra uma “coisinha” lá de Portugal. Contra Portugal mandar no Brasil.

Ester: Gente, eu quero que vocês, não precisa escrever... Eu quero que a sala toda traga para a próxima aula. Em casa dêem uma olhada nos livros e tragam, por favor, um resumo não escrito, porque é que essas três cidades são tão importantes historicamente. E o próprio Tiradentes, na verdade, o que trouxe de benéfico para o Brasil ele ter lutado. Resumido, oralmente, não precisa escrever, é só pra gente contextualizar a nossa história.

Paulo: é pra segunda-feira?

Ester: Nós temos um feriado... para sexta-feira. Sexta que vem, nesta não tem aula. A Cecília vai continuar acompanhando na sexta. Eu quero agora o seguinte: para sexta-feira, eu pedi o capítulo três, não foi? Sexta que vem. Então, nós temos mais de uma semana, que nós temos agora feriado. Então, eu gostaria que agora, neste momento, vocês levantassem todas as dúvidas que têm até agora. Onde é que nós paramos aqui no final do capítulo dois? Muito bem, expulsaram o Viramundo da cidade. Então prestem atenção: na página cinquenta termina o capítulo dois. O capítulo três começa assim: “Da controvérsia existente em torno do nome de Geraldo Viramundo, e da sua longa viagem de Marta a Ouro Preto, onde conheceu aquela que viria a ser a sua amada a vida inteira”. Esse capítulo vai tratar disso, desse encontro do Viramundo com a sua amada.

### *Tumulto*

Ester: É... não deixa de ser romântico. Momentos, mas é uma ficção, né gente?... Ele fez uma mistura de ficção com realidade, porque quando eu falo o que aconteceu nestas cidades históricas, ele vai aproveitar alguma coisa da história, vocês vão ver. Agora nós vamos começar o terceiro capítulo, vocês vão ler (...) eu estou seguindo mais ou menos pra gente não misturar, pois se eu contar o pouco que eu já li pra frente vai atrapalhar um pouco, eu quero que vocês entendam mesmo, pois eu não sei, gente, se vocês captaram mesmo a mensagem que tem nas metáforas. Não sei se vocês já perceberam, que ele utiliza muitas metáforas. Nós vamos ver isto, vamos estudar um pouquinho sobre metáforas, pra gente tentar entender o sentido que ele coloca em algumas frases aqui, tá certo? Então, é o momento de vocês agora. Eu gostaria de saber então, quem está gostando, mas sejam sinceros, mas quem está lendo, pois eu sei pelas respostas que tem gente que não está lendo, que não leu ainda nem o primeiro capítulo, quem está tentando escrever alguma coisa sem ler, não adianta, isso não é problema meu. Vamos ouvir o Lauro.

Lauro: Gostando, gostando eu tô. Mas todo início de capítulo eu tenho meia dúvida...

Ester: Você tem que retornar para entender?

Lauro: Não, não é nem isso, é meio complicado o início, as palavras...

Ester: É porque na verdade, se a gente pensar no contexto, pra você entender como um todo, você não precisa captar tudo, mas é importante captar geral, mas esses encontros é pra gente entender o contexto. Fala, Yanca.

Yanca: Tô gostando do livro. Tem palavras que eu nunca vi na minha vida, mas eu leio ele ... qualquer coisa com o dicionário do lado, mas é muito engraçado. Tem página que você lê e eu Carlos até em gargalhada lá em casa. Tem uma parte lá parece em espanhol, nossa, eu leio aquilo lá e começo a rir.

Ester: Você está gostando, né, Yanca? O Lauro também está gostando, mas o Ernesto não está gostando.

Ernesto: Fessora, achei bom só aquela parte que fala que quando ele era criança, das travessuras, e dos negócios lá do “Pingolinha”...

Ester: Você também não, Tatiana?

Tatiana: É bem confusa a história...

Ester: Tá bem confusa... O que você não entendeu até agora, que tá confuso? Ou nós tiramos as suas dúvidas?

Tatiana: Uai, porque começa, ele é uma criança, depois, ele já cresce de uma vez, sei lá...

Ester: Essa é a história de vida de alguém que está, por enquanto, perdido, não é? Você não acha que é isso? Você mesma falou que ele não é louco, esse louco de pedra que a gente fala, doente mental, mas eu falo até então – tô no segundo capítulo – que é uma pessoa que tá assim, perdida, inclusive pelo mundo. Pelo menos por enquanto. Então, vamos esperar, né, estamos no segundo capítulo, estamos vendo quem gostou e quem não gostou até então. No final do livro nos vamos voltar com essa pergunta, será que até o final do livro alguém vai mudar de idéia? Eu gostaria de

saber da Lane, da Lane e das pessoas que ainda não comentaram nada sobre o livro, eu gostaria de saber, Lane, o que você está achando do livro até então?

Lane: Eu não gosto muito de livro, então, acho que, mais pra frente, eu passe a gostar desse.

Ester: Do que você não gostou até agora, Lane?

Lane: Não sei, achei meio boba a história.

Ester: Alguém achou assim a história boba? Alguém achou a história criativa? O autor, por exemplo, é criativo?

*(Pequeno tumulto)*

Ester: Olha aqui, a colega falou que quando ele está descrevendo na infância, ele foi bastante criativo. Maura, você que não me entregou ainda as partes, né? Vocês sabem que eu estou seguindo direitinho, eu sei muito bem quem leu, quem não leu, quem respondeu sem ler, mas, a Maura, por exemplo, que está atrasada na entrega, fale um pouco sobre o livro, o que você achou, o vocabulário, ou você não leu?

Maura: Não, eu li sim, eu li até mais do que o capítulo dois, mas não, eu achei, tem umas partes que eu achei melhor, igual o segundo capítulo, quando acontece a confusão, é legal que você entende, você acha interessante. Agora, tem umas partes que você lê, que ele conversa com os outros (?), assim, que eu não entendo quase nada, que é umas palavras difíceis, o vocabulário é difícil, é umas partes chatas, que dá preguiça de ler.

Ester: Pelo vocabulário ser difícil, não ser do seu conhecimento, você acha chato?

Maura: Não, é, mas não é só por isso, também. Há umas partes que eu acho que não têm muita importância, é que eles enrolam muito assim, sabe?

Ester: Nós procuramos, no dicionário, “culhões”, e não achamos, lembram? Aí nos fomos atrás, eu e a Cecília, e descobrimos que “culhões” – esse não tinha no dicionário – “culhões” são os bagos.

Lauro: o que são os bagos?

Ester: O que são os bagos? São testículos.

A sala: Vários alunos repetem a palavra “testículo”

Ester: O “saco” do homem, mesmo.

*(Uma pequena confusão)*

Ester: Os “ovos” que a gente fala, né? Esses são os “culhões”. Então, vocês notaram? Tem gente rindo... vou lá na página...

Cecília: Página trinta e dois, eu acho...

Ester: Página dez. *(Psiu!)* Prestem atenção aqui. *(Psiu!)*. Voltamos aos “culhões” lá na página dez. Página dez. No final da página dez, eu tenho assim, ó... Tales... ele colocou assim, o autor: “foi coroinha na igreja, contou quantas vezes fazia coisa feia para se lembrar na confissão, procurou não mastigar a hóstia para que não saísse sangue, fez flautinha de bambu, ficou preso pela piroca num gargalo de garrafa, molhou o pijama de noite, teve medo de estar doente, ficou com pedra na maminha e perguntou a mãe o que era. [Se apaixonou pela filha mais velha dos italianos do empório, tirou o cavalinho da chuva, pensou na morte da bezerra, chorou escondido, teve medo, descobriu que o céu era imenso, teve vontade de morrer, ficou acordado de madrugada ouvindo o galo cantar sem saber onde, sentiu dores nos ‘culhões’ e ‘comeu’ a negra Adelaide, e virou homem](#)”. Será porque que ele sentiu dores nos “culhões”? O que são os “culhões” que acabamos de falar?

*(Algumas vozes masculinas respondem, ao fundo, que é o “saco” do homem. No meio das vozes, algum aluno faz uma pergunta).*

Marcos: Professora, sabe qual é o pior do livro? Esse livro ele é muito... sabe? Ele tem muita coisa, você não pode perder nada, aí, eu acho que você tinha que passar uns dois capítulos pra gente que seria melhor pra gente ler, sabe por quê? A gente lê um, aí depois vai ler o outro, tem que voltar pra ler o outro...

Ester: Gente, o que o Marcos disse, pode estar acontecendo com vocês. Ele disse que quando ele termina um capítulo e vai começar o outro, ele tem que voltar. Isso é normal, principalmente quando o vocabulário... e quando você não captou tudo o que tem. Quando o vocabulário é mais difícil, não do conhecimento, aliás, nem não é tão difícil, é que não é do nosso conhecimento, isso é normal sim, você tem que retornar e reler para entender, isso é normal, não fica desesperado, principalmente até você se acostumar com esse tipo de livro...

Sinal

Ester: Bom feriado e até segunda-feira.

-----  
Fita 2

8ª A

9 de junho de 2004

Ester: Então, vocês receberam de mim o capítulo um corrigido, lido por mim. Alguns fizeram no caderno... alguns eu ainda não peguei... Guido e Marco Antônio... Então, prestem atenção no que teremos hoje. (...)... o nosso trabalho em sala de aula, a Cecília vai aproveitar a nossa discussão aqui, um trabalho de pesquisa. Então, eu gostaria que vocês fossem educados, que vocês fossem, não, vocês são, que se mostrassem que são educados, pra ela gravar e depois ela explicar, porque se todo mundo falar junto, ela não vai conseguir depois estudar. Eu vou fazer algumas perguntas, levantar algumas questões sobre o primeiro capítulo do "O Grande Mentecapto", e eu gostaria que vocês, se quiser ficar com a folha na mão tudo bem, ou com o livro aberto, essa folha que eu entreguei agora, não tem problema. E eu gostaria que vocês participassem ao máximo, mas, quem lembra, eu sei que ainda tem gente que não leu o livro, eu não vou obrigar, são só seis pontos que vocês vão perder, e eu estou fazendo o meu papel. Meu papel de ter de trabalhar capítulo por capítulo, de entregar esse roteiro que eu acho que é importantíssimo, pois se você, seguindo esse roteiro, você vai tirando todas as suas dúvidas. Eu vou fazer a minha parte, vou cobrar o máximo que eu posso. Quem não entrega no dia não tem a nota total. "O Grande Mentecapto" é um livro que vai ajudar você a trabalhar com outros livros mais ou menos da mesma linha, com vocabulário mais rico do ensino médio. E quem faz isso é exemplo, já preparar o menino para entrar no ensino médio e não levar muito susto. Então, aproveite! "O Grande Mentecapto", todo mundo, quem está com o livro aí, já reparou que, o autor é Fernando Sabino, quando ele fala "o grande mentecapto", vocês que leram até agora, que me entregaram o capítulo um, que vocês acham? Se alguém já teve pelo menos a curiosidade de procurar no dicionário o que é "mentecapto"? Vamos levantar a mão... O que é "mentecapto"?

*A sala responde e a professora vai repetindo as respostas*

Ester: Louco... imbecil... pessoa doida... Até agora, nesse primeiro capítulo, vocês acham que o Viramundo, que é o nosso personagem principal, é louco? Leonardo...

Leonardo: Algumas coisas que ele fez deu até para achar que ele era mesmo, tipo "pará" o trem, pra que ele ia se enfiar na frente do trem?

Vânia: Não, eu acho que ele não é louco, eu acho que o que ele faz é... ah... não, é... a infância dele... não sei, mas ele...

Ester: Você não acha louco o que ele faz lá?

Vânia: Não, ... eu não acho ele louco...

Yanca: Assim, em relação ao primeiro capítulo, é como ela falou, eu não acho que ele seja louco, talvez assim: como ele é criança, ele é meio custoso, assim, entendeu? Porque naquela época, era aquilo, entendeu? Hoje em dia não tem aquele trem, ninguém vai parar lá na frente, mas naquela época acho que ele não era louco, era um pouco custoso, um pouco levado, na infância.

Guido: Eu acho que ele era tipo um sonhador, que ficava imaginando ele fora de Rio Acima, lá da cidade dele, acho que é isso...

Tatiana: Eu acho que não é ele que era louco, eu acho que a vida impôs aquilo pra ele, e acabou fazendo ele meio que um papel de louco, pelo que ele passou...

Beatriz: As situações que aconteceram com ele foi que impôs, que dava para perceber que tipo, às vezes, ele ficava indignado com alguma coisa, não quer dizer que ele é louco, é a situação que impunha pra ele aquilo...

Ester: Você concorda?

Marcos: Eu? Eu, professora, eu acho que ele não era louco, eu acho que ele era uma criança que tinha brincadeiras diferentes das outras, e por ser diferente, as crianças pensavam que ele era louco...

Ester: Guido?

Guido: Eu acho que ele era uma pessoa normal, porque assim, a única coisa que ele fazia era coisas diferentes que muita gente tem coragem de fazer, assim, realizar os desejos, no momento em que ele parou o trem, ele teve assim coragem de enfrentar o medo, de provar que ele conseguia fazer uma

coisa grande, hoje, muitas pessoas começam a fazer uma coisa e param na metade, porque não têm coragem. E outra: eu acho que na verdade era mais a realização de um sonho dele, e assim, loucura não é, porque todos nós somos um pouco doido dentro da gente, a gente tem vontade de fazer alguma coisa louca, pelo menos uma vez na vida. Acho que é isso...

Ester: Carlos.

Carlos: Eu acho o seguinte: pode ser que ele quer mostrar pros outros meninos assim, que ele tem mais coragem, assim, não sei...

Ester: Isso nós estamos no primeiro capítulo, né, Carlos? Mais pra frente eu vou voltar com essa pergunta, pra ver se essa loucura dele está aí mais ou menos nisso que vocês falaram. Mas lá na página dez, quem está com “O Grande Mentecapto” aí vai lá. Lá na página dez, vejam só, eu vou ler um pedacinho do final da página dez e vou fazer uma pergunta, quem não está com o livro preste atenção: “Estou falando do Viramundo, foi coroinha na igreja, contou quantas vezes fazia coisa feia para se lembrar na confissão, procurou não mastigar a hóstia para que não saísse sangue, fez flautinha de bambu, ficou preso pela piroca num gargalo de garrafa, molhou o pijama de noite, teve medo de estar doente, ficou com pedra na maminha e perguntou a mãe o que era. Se apaixonou pela filha mais velha dos italianos do empório, tirou o cavalinho da chuva, pensou na morte da bezerra, chorou escondido, teve medo, descobriu que o céu era imenso, teve vontade de morrer, ficou acordado de madrugada ouvindo o galo cantar sem saber onde, sentiu dores nos ‘culhões’ e ‘comeu’ a negra Adelaide, e virou homem”. Eu quero saber de vocês, prestem atenção: o que são “culhões”? Vocês acharam? Encontraram? (...) Isso! Achou lá! “Culhões” são os bagos. O que são os bagos? Do homem, mulher não tem bago, o que são os bagos? Isso, alguém falou “saco”, aí alguém falou “as bolas”, que mais? “Culhões” são os bagos, “as bolas”, “os ovos”. Agora preste atenção, nós já sabemos o que são “culhões”, você pode agora usar essa palavra.

(Tumulto)

Ester: Aí ele continua assim, Leonardo, vocês que gostam dessa confusão toda aí, né, Leonardo? Ele falou assim: “sentiu dores nos ‘culhões’ e ‘comeu’ a negra Adelaide, e virou homem”. O que ele quer dizer com isso: “comeu” a negra Adelaide, e virou homem? Levantem a mão...

*(A sala se agita, principalmente os meninos. Ao fundo, pode-se ouvir um “fez sexo”, como resposta a pergunta feita)*

Ester: Pra virar homem tem que fazer sexo?

*(Ouve-se como resposta um “tem” sonoro, seguido por um “não”. Alguém até argumenta, no meio da bagunça, que isso era uma tradição “deles”).*

Ester: Então quer dizer que se você não fizer sexo você é bicha e não é homem?

*(A tumulto se eleva. Alguém diz: “criança”).*

Ester: Leonardo, fale conosco, não fale com o Joaquim Nunes. Preste atenção: porque pode ser interessante o que você está dizendo.

*(Risadas)*

Ester: Não deve ser não, né? Mas vejam só. Joaquim Nunes, ele disse assim: “quando você faz sexo, você vira homem, você não é mais criança”. Será que a mulher também, quando faz sexo, deixa de ser criança e vira mulher?

*(A sala novamente se divide entre “é” e “não”. No meio da tumulto, alguém dá uma “resposta” que é pedida pra ser repetida).*

Ester: O que é? Repete, por favor.

Carlos: Vira menina safada!

Ester: A mulher, quando deixa de ser virgem, vira menina safada? O homem não é safado quando faz sexo?

*(Tumulto)*

Carlos: Algumas pessoas pensam assim... eu não.

Marcelo: Que o homem tem mais necessidade que mulher, que o homem tem mais necessidade de mulher de fazer sexo, por isso que se o homem não fizer, não é homem...

Ester: O homem tem mais necessidade de fazer sexo do que a mulher? Aonde você escutou isso?

*(Sobe a tumulto)*

Paulo: As meninas que fala que não sentem desejo, que não sentem nada assim... e os homem sente...

*(Tumulto).*

Vander: Eu fiquei sabendo que assim, não sei quem que me contou, que quando a menina transa com menina, a menina começa a desenvolver o corpo...

Ester: Quem te contou isso?

*(Tumulto)*

Ester: Excelente... *( irônica).*

Joaquim Nunes: Eu acho que tem os dois tipos de mulher, né? Aquela que faz sexo.

*(Tumulto)*

Joaquim Nunes: Eu acho que tem os dois tipos de mulher, né? Aquela que se prostitui e aquelas que faz sexo porque acha que tá na hora...

Ester: ...mas, há alguns alunos aqui que não concordam. Quer dizer que se você gostar de alguém, e essa pessoa se entregar a você ou você se entregar a ela, que falam que é só mulher, né? E não é. Tá errado, agora se acontecer isso? Um dia ia ter que acontecer. Você concorda comigo, José Valério? Que essa menina que se entrega, ela pode fazer isso com o mesmo direito que o homem tem?

José Valério: Pode...

Ester: Mas por que ela é chamada de assanhada, então?

José Valério: É porque algumas pessoas, assim, como na cidade, meninos que beijam muitas meninas são considerados normais, agora, as meninas que beijam muitos meninos são consideradas "galinhas"...

*(Tumulto se forma. Uma voz feminina brada "preconceito" ao fundo).*

Ester: Ele disse que hoje que as meninas que beijam muitos meninos são chamadas de "galinhas", né?

*(Nova tumulto...)*

Leonardo: É porque é assim: o homem fazendo sexo mais cedo, é assim, ele é o "garanhão", ele dá conta, né? Assim, pra a mulher já é diferente: ela quer "dar", aquela menina safada, sabe? Aí já é diferente... (

*Tumulto*

Yanca: (...) Pra mulher eles ainda definem: safada e a santinha, entendeu? Eu acho que é porque os homens já generalizou tanto, eles serem safados, que não tem aquele... acho que assim, já generalizou tanto o homem safado, que faz sexo mais cedo e tal, que a mulher não tem nem como mais falar que aquele homem é safado ou aquele não, por isso que só falam da mulher santa e da mulher safada...

Ester: Voltando aqui no livro, ele fala assim, ó: comer a negra Adelaide. Comer, olha essa palavra...

*(Tumulto)*

Ester: É usado comer?

Carlos: É, em vez de falar que transou com a menina, não, eu vou comer aquela menina.

*(Tumulto).*

Ester: Isso aqui é importante o que vou dizer, olha o sentido do comer aqui: comeu a negra Adelaide. Alguém me disse, vamos ver se os meninos concordam comigo. Isso que eu vou falar, olha aqui, isso que eu vou falar, eu não sei se vocês sabem... (...) Comeu a negra Adelaide. Tá dizendo que o Viramundo comeu a negra Adelaide. Vamos pensar, raciocinar, no ato mesmo sexual, vamos pensar, olha só o que eu estou fazendo aqui (*gesto com as mãos*) quem é que come quem na verdade?

*(Tumulto)*

Ester: É a mulher que come o homem...

*(Tumulto)*

Guido: Na Idade Média, os bárbaros usavam uma expressão para definir as prostitutas, dizendo que elas tinham uma boca maligna pronta para sugar a essência dos homens.

*(Tumulto)*

Ester: Gente, então voltando ao nosso livro, levante a mão quem já leu o segundo capítulo...

*(Alguns se manifestam).*

Ester: O segundo capítulo, que é para segunda-feira, lá no segundo capítulo, vamos lá, nós temos o caso da viúva, o que aconteceu com a viúva? Um só vai falar, e quem vai falar sobre a viúva é o *Joaquim Nunes*. O que aconteceu com a viúva no segundo capítulo?

Joaquim Nunes: Uai, pelo que eu li assim, mais ou menos, é que a "Peidolina" gostava muito de confessar com o padre...

Ester: Sei...

Joaquim Nunes: Aí um dia, ela foi lá confessar, e era o Geraldo Viramundo que tava dentro do confessionário, parece que se escondendo de alguma coisa, que eu não lembro o que era. Aí, a "Peidolina", né? que foi confessando tudo pra ele, falando que até depois do marido morto ele procurava ela, confessou pra ele, né? E ele só ouvindo... Depois, a cidade inteira ficou sabendo, e parece que eles queria...

Ester: O que ela confessou pra ele que a cidade inteira ficou sabendo?

Joaquim Nunes: Que o marido dela queria tudo, né? Mesmo morto... Aí depois parece que ela foi excomungada por todos, como é que é?...

Ester: Isso, a cidade toda se virou contra ela. E o que descobriram com essa confusão toda? Que ela...

*(Pequena balbúrdia)*

Ester: Que ela dormia com todos os homens da cidade...

*(A balbúrdia aumenta).*

Ester: Assim, uma parte que é mais piada mesmo, porque eles falaram porque o marido da "Peidolina" morreu, eu vou ler aqui: "Mais um marido termina comprometido ao morrer. Meteu-se com a "Peidolina", morreu de tanto meter" O que é "meter"?

*(Grande tumulto).*

Ester: Leonardo, o que lhe chamou a atenção?

Leonardo: É que ele fala o que falou aí, que o cara ia lá "dá uma" até morto, vai ver que por causa disso aqui ele morreu...

Ester: De tanto fazer?

Leonardo: É...

Ester: Só uma coisa: a "Peidolina" foi julgada pela cidade, né? Vocês acham que se fosse um homem...

José Valério: ...ele ia se famoso.

Ester: Ah, o homem ia ser famoso?

José Valério: Todas as mulheres queria conhecer ele...

*(Tumulto)*

Ester: Vocês não acham machismo da parte de vocês? Só o homem pode trair?

*Tumulto.*

Ester: Você viu, os meninos aqui da sala, os homens podem ficar famosos, as mulheres não, o que você acha disso?

Áurea Cristina: Os meninos aqui da sala ... não tem como tirar como base...

*(Tumulto)*

Ester: O Geraldo Viramundo ia ser padre. O que aconteceu com ele? Foi expulso. Vocês acham que só porque ele bancou o dedo-duro... Vocês acham que poderia ter sido um outro final pra essa parte do livro? Vocês acham certo ele ter sido expulso do seminário? Marcos, você acha certo?

Marcos: Não, porque ele queria estudar, aí a "Peidolina" entra lá e confessa pra ele, achando que ele era o padre, eu achei muito injusto com ele, porque ele não tem culpa, assim...

Ester: Ele não tem culpa mesmo contando a confissão?

Marcos: Mas no livro, parece que fala que não sabe como, a história se espalhou, um negócio assim...

Áurea Cristina: Eu acho assim, que ele deveria ter sido expulso. Eu acho que fez certo, porque ele, tipo, ele fez uma coisa errada, que ele não podia tá lá. Ele entrou lá porque ele queria esconder, então ele tava fazendo uma coisa errada, de acordo lá, porque também ele era seminarista, ele não podia estar no lugar de confessar, só que eu acho errado, que eu acho que (...) o modo como as pessoas julgaram ele, da cidade, porque aí eu acho que ele não tem tanta culpa, ele foi defender a

mulher porque, depois da coisa que ele tinha feito de errado, ele achava não se podia julgar a mulher porque tinha muita gente que fazia a mesma coisa e que estava julgando a Pietrolina, a "peidorreira".

Mariana: Eu concordo no fato dele ser expulso do seminário, porque dentro do seminário ele sabe que não pode ouvir confissão, então, ele fez uma coisa errada. Agora, em relação ao povo, eu acho que o povo reagiu errado, porque, é... é que nem ele usou a parte lá que Jesus falou: "quem nunca pecou que atire a primeira pedra". Porque todo mundo peca, não é possível que não tinha ninguém ali que não tinha... E os homens, julgaram ele, os homens que tavam fazendo a coisa errada, a única coisa que ele tava fazendo era a coisa certa, defendendo uma coisa assim, que não tinha nada a ver...

Marcos: os homens eram infiéis e a culpa era dela

Ester: Chegou no ponto! Os homens eram infiéis, todos, e ela que levou a culpa, sozinha...

Marcos: Mas ela também teve parte na história, porque ela também fez...

Ester: É claro, mas foi só ela que fez?

*(Sobe a tumulto)*

Ester: O homem pode trair e a mulher não?

*(Tumulto)*

Marcos: Não, não é que o homem pode trair a mulher. Eu acho que, assim, quando uma pessoa tem relacionamento com a outra, aí, elas têm que ser fiéis. Mas, por exemplo, quando um homem que é solteiro, é, tipo, transa com uma mulher que é casada, eu acho que a culpa é da mulher, porque o homem não teve culpa.

*(Breve tumulto).*

Ester: A Pietrolina, o nome dessa personagem, da viúva que nós estamos discutindo, vamos falar muito ainda sobre a viúva, o nome da viúva é Pietrolina. Daí porque virou “Peidolina”? Isso, porque ficou mais fácil, resumido, mais fácil de falar que Pietrolina...

*(Tumulto e sinal)*

---

FITA 3

8ª A/ B

12 de junho de 2004

Ester: (...) Alguém sabe o que é escriturário? Essa profissão? Que função que é? A palavra ajuda: escrita... que faz a escrita de alguma firma ou empresa, geralmente tem escriturários nos bancos... onde mais tem escriturário? Cartório! Que aquele que faz a parte escrita. Antigamente era na máquina, hoje é no computador, né? Pois as coisas mudaram... Outra coisa, assistente social, na escola nós temos uma assistente social. Vocês conhecem? Quem é? É a Marilza, por enquanto é a Marilza, ela é assistente social. Que vocês acham que assistente social faz? O próprio nome já diz... Ajuda as pessoas que têm problemas sociais. Que tipo de problemas sociais geralmente as pessoas têm?

A sala: *financeiros*

Ester: Financeiros, problemas financeiros. (...) Quando eu pedi, eu tinha cinco livros, eu tinha cinco livros na biblioteca, eu pedi pra Marilza fazer o levantamento, qual era o aluno que precisava mais, pra poder emprestar, que não podia comprar o livro. Então o trabalho dela, nesse momento, foi esse. Outra coisa, gente... secretária, telefonista, psicóloga, são profissões que são citadas no texto. Antes de a gente começar a discutir o texto e o papel da mulher na sociedade, a gente logo vai chegar lá, eu gostaria que alguém por exemplo, como a Tatiana, que tem a voz boa, lesse em voz alta para nós o texto. Eu quero a sala toda escutando a Tatiana, por favor...

Tatiana (lendo o texto): “Mulheres livres e independentes. Submissas, passivas, e dependentes – não; as mulheres norte-americanas não são assim. Elas podem hoje ser classificadas, tranqüilamente, como entre as mais independentes do mundo. Independente para tudo: o exercício do trabalho: o desempenho de altos postos na iniciativa privada; o porte de uma arma de fogo; a participação em movimentos públicos.”

Ester: Parou. Continua para mim, Vânia?

Vânia: “Em determinados países, até parece que as mulheres nasceram só para serem mães, donas-de-casa, sempresubmissas aos maridos machões, autoritários e prepotentes. Não é esse, positivamente, o caso das mulheres nos EUA. São independentes, no alcance máximo dessa palavra. A mulher norte-americana, para atingir tal grau de independência e um sentimento muito forte de direito à privacidade, hoje em dia, teve que lutar muito e batalhar por esses degraus que subiu na escala social. Não ficou resignada e passiva. Enfrentou tudo com coragem e obstinação.”

Ester: Marcelo, você continua, por favor? “Em diversos países...”

Marcelo: “Em certos países, os homens costumam pensar que as únicas funções adequadas para a mulher são secretária, telefonista ou escriturária. Se for profissional liberal, pode ser no máximo psicóloga ou assistente social. Mas isto já está mudando. E mudou há vários anos nos EUA.”

Ester: Continua a ler pra mim...

Ernesto: “Você vê a mulher por toda parte, em funções mais ou menos nobres: dirigindo táxi e ônibus em Nova Iorque; inspecionando passaporte na Alfândega; revistando e prendendo criminosos na rua; descarregando aviões nos aeroportos; controlando os despachos dos vôos, atendendo os usuários nas locadoras de carros; dirigindo o Monorail em Disneyworld; pilotando um táxi-aéreo; e sentadas à mesas de reuniões das grandes corporações industriais e financeiras.”

Ester: Tales.

Tales: “Foi-se o tempo da Amélia, mulher de verdade, que dava banho nos filhos, cozinhava, encerava, limpava, lustrava, engomava, lavava roupa e ficava a vontade, e à noite servia docilmente ao seu amo e senhor. E aqui entra o lado trágico da história: este é o país com o maior número de divórcios do mundo”.

*(Pequeno burburinho).*

Ester: Eu vou fazer uma pergunta para os alunos, e quero que falem com seriedade: realmente, o que pensam sobre esse assunto? Tales, eu vou começar com você. A primeira pergunta é...

*(Pequeno burburinho)*

Ester: no quarto parágrafo do texto, diz que “em diversos países, os homens costumam pensar que as únicas funções adequadas para a mulher são secretária, telefonista ou escriturária. No máximo ser uma psicóloga ou assistente social”. Você concorda com isso? O que você acha dessa situação aqui no Brasil? Você concorda que as mulheres só podem mesmo ter essas profissões?  
Tales: Não, elas podem ter muito mais. Depende da capacidade de cada uma, inteligência não pode ser comparada com o sexo da pessoa.  
Ester: O que você quer dizer com isso?  
Tales: Vai falar que o homem é mais inteligente, que pode ficar com as outras profissões que exigem mais o esforço do raciocínio? Mulheres também...  
Ester: No final ele fala assim: “foi-se o tempo da Amélia”. Vocês já ouviram falar em Amélia?

*Inicia-se um burburinho. Alguém começa a cantar “Amélia que era mulher de verdade”, e a professora pede para o aluno que estava cantando, cujo nome é Luciano, que continue a cantar. Depois, ela pede ao aluno que se manifeste sobre o porquê da Amélia ser considerada mulher de verdade.*

Luciano: Igual fala aqui, ela fazia tudo. Ela era submissa ao marido, até aos filhos...  
Ester: Você concorda... o que você acha? Você preferiria uma Amélia ou a mulher de hoje, que sai para trabalhar...

*Tumulto.*

Luciano: prefiro um pouco das duas...  
Ester: o que se aproveita da Amélia e o que se aproveita da mulher de hoje?  
Luciano: Uma dona de casa, uma mulher que, assim, faz tudo pra você, uma comidinha...

*(Tumulto).*

Ester: Oitava série!!! Eu disse que é a vez dos homens, as mulheres daqui a pouco eu chamo, calma!

*Mais tumulto.*

Ester: Quem vai falar agora é só o Luciano! Ele disse que gostaria de ter um pouquinho das duas, volta lá... Porque a Amélia seria aquela que faz a comida gostosa, e a de hoje?  
Luciano: Ela trabalhava, também traria dinheiro pra casa...

*Grande tumulto.*

Ester: Lauro, hoje, esses dias eu estava passando pela Rondon, mas não estava dirigindo, não. O meu marido, uma mulher estava indo pela esquerda o tempo todo, ele disse: “só pode ser mulher”. O que você acha disso?  
Lauro: Discriminação.

Ester: Discriminação. Por quê? Olha só, até o Lauro

*pequeno tumulto*

Ester: Estamos na vez do Lauro! Lauro, então eu disse pra ele depois disso: “vamos começar a contar, toda a vez que tiver um homem e uma mulher do lado esquerdo, atrapalhando o trânsito, nós vamos contar”. Por incrível que pareça, eu estou ganhando, no sentido... por exemplo: é homem! Estamos marcando. É homem! Estamos marcando... Claro que de vez em quando tem uma mulher. Mas o que ele falou é uma discriminação, porque nas minhas contas, até agora, tem mais homens andando pela esquerda. (...). Eu concordo com o Lauro, é uma discriminação, mas eu quero escutar apenas os homens. Você acha que a mulher... pode falar...

Luciano: A discriminação é tanta que aqui em Uberlândia tem uma companhia que emprega... emprega... não sei assim, é só mulheres  
Jane: É a BrasPress, ela trabalha com entrega de encomendas e as mulheres dirigem pequenos caminhões.  
Luciano: Dizem que as mulheres têm mais cuidado no volante...

Ester: Que as mulheres têm mais cuidado no volante!?!...

*(Pequeno tumulto. As meninas querem falar, mas a professora insiste que a palavra ainda é dos meninos, a cedendo ao aluno Luciano).*

Luciano: Tipo assim, eu não me acho muito machista, não, mas, tipo assim..., de vez em quando, a sociedade já menospreza a mulher e já nasce com um pouquinho de preconceito, tipo assim, eu acho tão esquisito mulher andar de moto, essas coisas, eu acho bem esquisito...

*Protestos.*

Ester: O Luciano disse que acha esquisito, quando a gente acha esquisito, a gente tem que saber porque. Por quê?

Luciano: Porque fica diferente, a sociedade já fez isso, já não aceita... ou, não, você pode não achar, não ser machista, mas já nasce ouvindo pai... meus vizinhos vivem falando, vêem uma mulher de moto: "olha só que bosta!"... É isso aí, (...) a convivência faz essas coisas...

*Protestos.*

Ester: Yanca, o que você acha dessa discussão, essa discriminação que alguns alunos apontaram contra a mulher?

Yanca: Primeiramente, eu acho um absurdo, eu sou daquele tipo que, nossa, mais feminista impossível! Quando eu vejo na televisão uma coisa assim: "mulher vai passar aquilo, mulher vai fazer isso", nossa, eu fico "pê" da vida. Nada a ver, mulher, dependendo da situação, tem muito mais controle do que homem, pode ter capacidade de fazer muito mais coisas também, ou no mesmo grau, não quero dizer nada, né? Não estou falando nada de mais, pois é verdade, né?

Ester: Vejam só que interessante o que a Beatriz está falando. Vamos escutar...

Beatriz: Eu acho que a mulher no volante também não é assim porque elas normalmente andam mais devagar, têm mais cautela, porque homem corre mais, normalmente ela atrapalha...

*Protestos*

Beatriz: e o homem, sei lá, ele é mais forte... isso que fica na cabeça dele, (...) a mulher faz as coisas mais na base da cabeça, mas eu acho que o avanço da mulher é interessante, só que esse negócio de trânsito aí eu acho que as mulheres são mais "barbeiras".

Ester: Você concorda que as mulheres são mais barbeiras? Porque elas têm mais atenção elas atrapalham o trânsito?

Beatriz: É, elas andam mais devagar, têm mais medo...

Ester: É, mas olhe aqui... O texto fala assim, olha só: "Em determinados países, até parece que as mulheres nasceram só para serem mães, donas-de-casa, sendo submissas aos maridos machões, autoritários e prepotentes. Não é esse, positivamente, o caso das mulheres nos EUA (...)". Alguém sabe alguma diferença entre as mulheres dos Estados Unidos com as mulheres do Brasil?

*Uma tumulto se inicia, com vários alunos fazendo piadinhas com o tema.*

Ester: O que eu vou dizer agora é o seguinte (*pausa*): o texto, o autor diz que "Foi-se o tempo da Amélia, mulher de verdade, que dava banho nos filhos, cozinhava, encerava, limpava, lustrava, engomava, lavava roupa e ficava a vontade. E a noite, servia docilmente o seu amo e senhor". O que é servir docilmente ao seu amo e senhor? Quem vai falar agora é só uma pessoa que levantar a mão primeiro! O que é servir docilmente ao seu amo e senhor? Paulo, só!

Paulo: É quando ele chega cansado em casa e tem que fazer carinho nele ...

*(protestos)...*

Dimitri: Se ele não estiver muito cansado, dá pra fazer sexo, mas se tiver muito cansado não dá conta não...

Lane: A mulher tinha que fazer tudo. Se tivesse uma coisinha fora do lugar que o homem não gostasse ele já dava bronca.

*Protestos.*

Ester: Gente, agora prestem atenção. Vamos ser bem sérios nas nossas colocações, e falar o que estamos pensando de verdade, sem brincadeiras. Olha como que o texto fecha: "É aqui entra o lado trágico da história: este é o país com o maior número de divórcios no mundo". A Paula vai falar agora...

Paula: O filme "Mentiras do Coração" representa bem essa coisa, porque a mulher tem que lavar roupa para o marido, arrumar a casa, e depois quando ele chega em casa e encontra alguma coisa fora do lugar, ele bate nela...

Ester: Qual é o nome do filme?

Paula: "Mentiras do Coração".

*(Tumulto)*

Mauro: Esse "troço" de divórcio, muitas vezes também, ela querendo agir independente, ela não dá conta de controlar a situação e acaba criando um confronto em casa, e ele acaba se divorciando.

Ester: É, mas acontece que isso aqui, as mulheres apanham dos maridos no filme que ela assistiu. Mas, prestem atenção, nós falamos muito nesse bimestre, nesse primeiro trimestre, sobre a violência. Nós fizemos uma redação, se lembram, sobre violência. E as mulheres apanham dos maridos, companheiros, ou dos namorados

*(protestos)*

Ester: Quem vai falar agora, Tatiana, é a Loriene.

Loriene: (...) foi uma coisa pessoal, daí ele foi para bater nela, aí ela pegou e bateu nele (...) Não, ele não sabia, ela vivia fugindo dela o tempo todo, viajando, mas ele era muito poderoso, ele corria e batia nela, aí ele roubou a filha dela, foi uma bagunça, lá...

Ester: (...) O título é "Mulheres Livres e Independentes". Vocês acham que nós, Eliane, professora; Beatriz, aluna; Tatiana, aluna... **Vocês acham que nós somos mulheres livres e independentes hoje?**

A sala: Não!

Ester: Não somos? Por que não somos?

*(Pequeno tumulto).*

Vânia: Eu acho que somos mulheres independentes, mas, se tem alguma coisa que impede a gente de ser cem por cento livre é a mente pequena de algumas pessoas.

Ester: Marta, você quer falar sobre o assunto? O que você pensa sobre isso? Você se acha livre e independente?

Marta: Não...

*(Risadas).*

Ester: Você depende do seu pai e da sua mãe financeiramente, mas as suas idéias, a sua independência, vamos dizer assim, é... os objetivos como mulher, você não tem?

Marta: Tenho, mas, sei lá... eu não me acho totalmente independente, não... não só em questão de ser dependente dos pais, não, e outras coisas também, eu não sei falar...

Ester: Não, tudo bem. Eu acho que essa discussão, ela é muito importante, e não termina aqui, não. Eu quero começar a trazer para vocês, o que eu gostaria, é que vocês comessem a pensar nesse assunto, eu não tô aqui, eu não sou, como se diz, aquela feminista, não é isso, eu quero que meninas e meninos comecem a pensar nessa relação homem e mulher, nessa relação de interdependência, porque nós precisamos tanto dos homens quanto das mulheres.

Beatriz: (...) Eu não acho muito legal ninguém ficar se atirando demais em cima dos meninos, sabe? Dando em cima demais, mulher ficar atacando, eu acho que tinha que ser igual era no passado, os meninos pegando as meninas, não o contrário...

*Tumulto.*

Luciano: Mulher nasceu para lavar cueca, lavar roupa, limpar casa e fazer comida.

Ester: Por quê?

Luciano: Uai, porque... não, uai, porque o homem vai trabalhar e as mulheres fica em casa sem fazer nada... Quando elas não fica em casa, elas vai para a rua conversar bobagem, fofocar... é a única coisa que elas sabem fazer...

*(A tumulto)*

Paula: Não, se não fossem as mulheres vocês não nasciam, vocês dependem da gente.

Luciano: Deus fez o Adão, depois ele fez a Eva...

José Valério: É... eu acho que, assim... eu acho que a mulher tinha que fazer as coisas direitinho, lavar as coisas, tudo direitinho pros homens. Aí os homens ia ter o direito deles de trabalhar, chegar em casa, as mulheres ia lá fazer um carinho, é uai... eu acho errado... daqui uns anos os homens vai ter até que aprender culinária, a mulher não, a mulher cozinha em casa, calma...

*Tumulto*

*Sinal*

---

FITA 4

14 de junho de 2004 (2ª f)

8ª B

Ester: Como eu avisei, eu estou vendo quem realmente está lendo o livro, então, hoje, nós vamos fazer uma rodada, nós vamos ter uma conversa sobre "O Grande Mentecapto". E no finalzinho da aula nós vamos ver o que os meninos viram na semana passada, que foi a questão de descrição, dissertação e narração. Mas, é, eu gostaria de ouvir quem quiser falar, num primeiro momento, sobre "O Grande Mentecapto". O que eu quero é o seguinte: é... vocês estão lendo, terminaram o capítulo II, estão no capítulo III, não é? Teve um momento, no início do capítulo III, que fala, o autor fala que o Viramundo, que é nosso personagem principal, demorou 10 anos, 10 anos para chegar a Ouro Preto. De Mariana a Ouro Preto. Isso mesmo, 10 anos. Quando ele foi expulso, preste atenção, quando ele foi expulso de Mariana por causa da confusão com a "Peidolina"- Pietrolina, aí ele conta o que ele fez em 10 anos, se passaram 10 anos pra ele chegar em Ouro Preto, ele chegou em Ouro Preto com 28 anos. Aí alguém disse: "a estrada é longa!" Mas, o que o autor quis dizer com isso? Por que o autor não narrou o que aconteceu com ele nesse dez anos? Alguém sabe me dizer? Cada um falando, levantem a mão, a Tatiana acha por quê?

Tatiana: Deve ser alguma coisa sem importância, assim, deve ser...

Ester: Eu não sei se vocês perceberam, mas, para quem está perdido, na página 52-53, tem tantos nomes que ele recebeu durante a vida dele toda, 52-53, olhem só: Geraldo Viramundo, Geraldo Gira-Mundo, Geraldo Rola-Mundo, Geraldo Vira-Lata, Geraldo Acaba-Mundo, Geraldo Furibundo, Geraldo Vira-Bosta, Geraldo Vira-Bola, Geraldo Sacristia... que vocês acham? Alguém falou "Vira-Tudo". O que vocês acham disso tudo?

Maura: Uai, não, pelas coisas que ele aprontou, que ele fez...

Ester: A Maura disse que foi pelas coisas que ele aprontou. Você acha que ele virou bosta?

Maura: Não...

Ester: Em que sentido ele "Vira-Bosta"?

Maura: Deve ter sido uma coisa de ruim, ou alguma bobeira assim que ele não devia ter feito...

Ester: (...) Olha só. Tem uma parte que ele fala assim: Geraldo (...), Geraldo, "o cagado de arara". Vocês já ouviram essa expressão, "cagado de arara"?

A sala: Não, sim...

Ester: Não? Ih, mas hoje eu tô "cagado de arara". O que quer dizer isso? Não quer dizer que a arara me borrou, né? O que quer dizer? Que eu estou a-za-ra-da! Nossa, eu estou "cagada de arara", o que está acontecendo comigo?. (...) Outro nome que eu achei interessante, Luciano, é o Geraldo Labirinto, o que vocês acham que isso quer dizer? Jane: é porque ele dá muitas voltas...

Ester: gente, por que será que ele teve esse nome, Geraldo Viramundo?

Jane: Por que ele viaja muito, vive mudando de lugar...

Ester: Aquelas pessoas que vivem mudando de lugar, o que é que elas são? Nômades, eu sei, mas, por que elas são nômades? (...). Prestem atenção, eu anotei aqui assim: virar o mundo, virar o mundo – só um pouquinho, gente, eu quero falar sozinha nesse minuto, depois, vocês vão falar. Isso pode ser importante porque pode ser a nossa provinha final sobre o livro – virar o mundo, eu coloquei largar-se pelas estradas, entregar-se ao destino. Isso aqui quem quiser anotar é importante, é a nossa provinha final. O Viramundo entregava-se ao destino, na verdade, ele fazia o destino dele, porque em cada lugar que ele ia, como a colega ali falou, ele armava confusão, então ele era largado pelas estradas. Quando ele estava em Mariana, ele tinha 18 anos, quando ele chegou em Ouro Preto, ele já tinha 28, então, a gente não sabe por onde ele andou. Agora, o que é mais importante, no terceiro capítulo, e eu quero que vocês falem alguma coisa sobre isso, quem já leu, sobre o convívio do “grande mentecapto” com os estudantes. O que vocês acharam disso?

Arlindo: Era de boa... sei lá (...) Os estudantes fingiam que era a filha lá do Governador escrevendo pra ele, né?

Ester: Agora, tem uma característica do Geraldo, que é muito importante vocês gravarem, do Geraldo Viramundo, que é ele ser uma pessoa irreverente. O que quer dizer isso, irreverente? O que é ser irreverente em nossa sociedade? As celebridades, aí, o que é ser irreverente? Alguém sabe?

*Tumulto*

Ester: (...) É aquela pessoa que faz alguma coisa diferente das outras.

Jane: Criativa.

Ester: Não deixa de ser criativa uma pessoa irreverente... mas, o que mais que poderia ser irreverente, em gente?

*(Tumulto)*

Ester: Geralmente, eu escutei de outra turma, que geralmente quem é irreverente, a maioria, é mulher, vocês concordam com isso? Tem muito homem irreverente, não tem? Ernesto: Marilyn Manson.

Ester: O Supla é irreverente, certo?

Dimitri: Quem é Supla?

*(A turma reage a essa pergunta com um som que parece indicar “pergunta de retardado”).*

Arlindo: É aquele do Sítio do Pica-Pau Amarelo...

*(Risadas).*

Ester: Agora, prestem atenção: na página 66 tem uma palavra que me chamou a atenção. Na página 66, quem estiver com o livro vai lá, prestem atenção nessa parte, eu quero falar sozinha agora! Eu vou ler uma parte e depois eu quero que vocês conversem comigo sobre ela, vejam só: Na manhã seguinte, Viramundo foi procurar o velho Elias, queria um confidente para o amor que o devorava. “Elias” – foi dizendo, ainda de longe – “estou amando, sou o homem mais feliz do mundo!” “Não vejo porque” – respondeu o outro. “Você não vê porque é cego. O amor também é cego. O pior cego é aquele que não quer ver”. Aí, olha o que ele perguntou: “É moça donzela?” – perguntou o cego. “Donzela de truz” – diz ele, esse truz aí. Parei aqui é fiquei pensando, olha só, será por que o velho Elias perguntou se ela era moça donzela? Vocês sabem o que é isso, moça donzela?

Maura: Uai, se ela é moça de boa família, essas coisas...

Ester: Donzela, hoje em dia, quando se pergunta se é donzela, é só isso?

Lauro: Não, quer saber se ela é virgem.

Ester: Se ela é virgem, moça donzela, hoje em dia, é mais ou menos nesse sentido. Se ela é de família e se ela é virgem.

*(Tumulto)*

Paulo: (...) Na página 166: “De Tiradentes, Viramundo passou a novo rosto, onde raros fios esparsos...”

Ester: Ah, distribuídos, assim, entre o rosto.

Paulo: Ah, só...

Ester: Só um pouquinho, gente. (...) Todo rapaz que apresentado à gente, a gente pergunta se ele é moço ou velho?

A sala: Não!

Ester: Por que sempre a mulher, aqui nesse livro, sempre é vista como sendo, é... aquela prostituta, aquele caso também da Pietrolina.... ela, foi a dita, a considerada safada, e o homem não importa se ele traiu ou não traiu a esposa; agora pergunta se a moça que ele anda é donzela? E se fosse um homem, vocês acham que isso ia fazer diferença?

A sala: Não!

Ester: (...) Será que o nosso autor é machista ou que tem a ver isso com a história?...

Tatiana: Não, uai, é a época da história...

Maura: (...) Ele está contando os relatos que ele conseguiu achar sobre o Viramundo...

Ester: Então, vejam só: e aí a colega falou direitinho, é uma coisa daquela época. Então, se existisse machismo, é da época. Então, a precisão de estudar realmente essa época que aconteceu isso aqui, pra gente ver que era realmente assim mesmo. Bom, quando eu continuei esse trecho "(...) Viramundo se ofendeu: não ando atrás de fornicância, (...) velho safado! Quem a velhice desmerece, pela língua apodrece". Então ele falou que não estava atrás de "fornicância".

Paulo: sexo

Ester: Sexo! Ele quis dizer que agora ele está apaixonado, que não veio só atrás de sexo. Então, ele ficou mesmo ofendido. "(...) Mathias, me bota na direção desse filho de uma égua que eu vou ensinar a ele quem é que apodrece! Ah, se eu te pego, Viramundo... Como sempre, Viramundo acabara falando alguma coisa que ofendia alguém, mas isso nem era intencional, mas ele sempre acabava aprontando". Eu vou parar por aqui, e quero dizer pra vocês o seguinte: o que vocês têm de tarefa é procurar com a professora de história, de geografia, nos já até falamos sobre isso, e saber sobre as cidades históricas... Vocês já foram lá, eu quero saber o que vocês vão trazer para mim de informações. E eu vou pegar uma aula pra isso. Eu queria ver aqui que época que aconteceu... ah, tá, 1946 ele começa a escrever... 1979... bom, gente, agora, pra fechar com um recado: saiu na Veja dessa semana, da semana passada, o Fernando Sabino hoje tem mais de 80 anos, 81, e ele lançou um livro agora que ele escreveu quando ele tinha 22 anos. E aí a reportagem, o artigo, cita "O Grande Mentecapto" como um romance "bem-humorado" do Fernando Sabino. Esse outro que ele lançou agora, eu ia anotar o nome mas esqueci, mas já está lá na Siciliano, o outro romance que ele lançou agora, é... não tem esse vocabulário riquíssimo, pesado, né, pra nós, que a gente está sempre com o dicionário, e que não tem esse bom humor igual ao que nos encontramos aqui. Então, quer dizer, eu acho que, quando ele tinha 22 anos, então não tem esse vocabulário... eu não li ainda, mas pretendo dar uma olhada. Bom, o que vocês vão fazer hoje é entregar o terceiro capítulo, que eu vou receber na sexta-feira. Agora, vocês vão...

## FITA 5

8ª A

16 DE JUNHO DE 2004

Ester: Gente, nós vamos escutar agora. Uma, porque a Cecília está gravando, e a outra, porque eu não agüento falar junto um com o outro. E outra, vocês têm que escutar porque eu posso fazer uma pergunta que vem da resposta de um. Guido! Geral agora, que é o capítulo três... Guido... se você está com o livro aí... lá na página 52, 53, quem está com o livro aí abre, por favor, 52, 53, o autor cita, Guido, você pode ler aí, vários nomes para o Geraldo Viramundo: Geraldo Viramundo, Geraldo Gira-Mundo, Rola-Mundo, Vira-Lata, Acaba-Mundo, Furibundo, Vira-Bosta..., então, Guido, quem vai falar agora é só o Guido... Guido, por que você acha que o autor citou todos esses nomes chamados de apelidos?

Guido: Porque, segundo o próprio autor, ele disse que o personagem, ele andou por várias cidades de Minas Gerais e acho até do Brasil, então, assim, sempre nessas regiões ele teve um nome diferente, porque houve um diferente entendimento ou então uma diferente perspectiva das pessoas sobre ele, por exemplo, ele pode ter sido interpretado em uma cidade como uma pessoa religiosa....Geraldo Epístola, porque ele conhecia as passagens da Bíblia, uma pessoa religiosa, ou então ele podia ter sido conhecido como uma pessoa... sei lá, viajada, que gosta de andar, então

Gira-Mundo, depende da interpretação das pessoas que ele conhece da região que ele vai... acho que é isso, por isso é que ele tem diferentes nomes.

Ester: Só que, preste atenção aqui agora, Joaquim Nunes, você. Vai lá... você está com o livro? ... Página 58, todo mundo vai pra lá, na página 58. Aquele episódio, não sei se vocês se lembram ou se algum outro colega lembra, eu posso passar a pergunta pra frente, teve um episódio que o Geraldo Viramundo cuspiu no sapato. Você sabe me contar esse episódio? Sapato de quem, pelo menos uma parte?

Guido: eu ainda não li essa parte.

Ester: Udson!?

Udson: Ele cuspiu no sapato de Dionísio, que era um estudante de Ouro Preto.

Ester: Tá certo, ele cuspiu, mas... você acha que isso é coisa de se fazer, o que você acha dessa situação?

Udson: Não, porque... o “Tião-Homem”, um menino, tava engraxando o sapato dele. Daí o Geraldo Viramundo chegou perto dele, aí eu não lembro o que ele fez, daí eles saíram brigando. Aí, sem querer, o Geraldo Viramundo cuspiu no sapato dele, do estudante, aí viu que cuspir dentro lubrificava o sapato, aí ele pediu pra cuspir de novo, e cuspiu parece que na cara, na cabeça do engraxate, daí eles começaram a brigar, aí o Dionísio foi lá socorrer eles.

Ester: Então eu vou aproveitar pra falar um pouquinho o seguinte: o verbo, o verbo é cuspir, cuspir, é com “c”. Prestem atenção, é cultura, a gente escuta guspe, guspe, guspe, mas é cuspe! É Cuspe! Esse “guspe” é da linguagem popular, coloquial, mas o certo é cuspe. Outra coisa: então volta lá, lá nos dois, Joaquim Nunes, eu fiquei com uma dúvida no capítulo dois – você tem que começar a ler o três hoje, porque é pra segunda feira – lá na página 49, naquela confusão da “Peidolina” Pietrolina, vai lá, no parágrafo um... dois... três... quatro! Da página 49: “Matem, matem logo! Mas me matem a mim primeiro! Ninguém encosta a mão num fio de cabelo dessa mulher sem passar por cima do meu cadáver. Jesus disse para os fariseus: aquele que dentre vós está sem pecado, seja o primeiro que lhe atire uma pedra. São João, capítulo oito, versículo sete”. Realmente, Guido, ele sabia mesmo, ele sabia de cor todos os capítulos e versículos. Aí ele fala: “Pois atirem a primeira pedra”. Você, que leu a Bíblia, você conhece alguma passagem que seja referente, que...

Guido: Eu já fiz catequese, entrei no Crisma, agora, né?...

Ester: Você aprendeu sobre isso no Crisma?

Guido: Ué, a gente aprendeu essas frases assim da Bíblia na catequese...

Ester: Aconteceu alguma coisa parecida na história de Jesus? Porque aqui...

Guido: Aconteceu. Uma prostituta que... queria que perdoasse seus pecados, né? Aí Jesus foi defender ela e falou isso: “quem nunca pecou que atire a primeira pedra”. E aí todo mundo parou e saiu de fininho...

*Burburinho. Alguém diz que acha o autor religioso.*

Ester: (...) Você acha? O que nós temos? Ele foi inclusive seminarista... (...) Mariana... você queria completar alguma coisa ou acha que ele já falou tudo sobre isso?

Mariana: Não, ele falou assim que o autor é religioso, não só o autor, como também o personagem. Ele tornou o personagem também religioso, ele foi seminarista...

Ester: Agora, gente... é pra segunda-feira. Olha, seguindo aí, Leonardo, na seqüência, ele disse o seguinte, o narrador: “aquele a quem ele havia chutado na perna minutos antes, que tocara não só num fio de cabelo da mulher, mas em todos eles, tomou distância e meia ao outros, gritando: pois lá vai ela! E atirou uma certa pedrada que foi atingir em cheio a testa de Gira-Mundo”. Que aconteceu depois disso com o Gira-Mundo?

Leonardo: O povo (...) e começou a pisar em cima dele. Daí “cataram” a mulher lá. Daí eu não lembro direito. Aí os guarda pegou ele, depois dele ter sido pisoteado e jogou ele pra fora de Mariana, é Mariana? Não lembro direito...

Ester: É Mariana mesmo... Esse “cara” que ele está dizendo é o Viramundo. Ele apronta... o próprio nome dele já diz tudo, Viramundo, porque ele apronta, viu, Vander? Agora, prestem atenção, nós temos neste texto até agora uma narrativa, vocês repararam, uma narrativa. Vocês sabem em que se baseia essa narrativa? Em algum momento da história o autor deixa claro de onde é que surgiu essa história que ele está contando?. Vocês acham que essa história é verdadeira?

Marcos: Eu acho, porque ele comenta a história sobre registros, faz da história do Vira- Mundo uma história que ele não tem porque faltam depoimentos...

Carlos: Na página 58, ele tem que interromper a narrativa porque ele não tinha conseguido informações, e ele só começou a falar depois de dez anos que ele ficou sabendo.

Ester: Eu não sei se vocês repararam que nós já falamos sobre isso nessa turma, que a história acontece, as várias histórias desse Viramundo, acontecem nas cidades históricas. Aí eu fiquei pensando: será que tem alguma coisa a ver, será que esse autor morou lá, vocês sabem alguma coisa sobre o autor?. O Dimas disse que essa história ficou autobiográfica. E quando é autobiográfica o que quer dizer isso?

A sala: *o autor está envolvido*

Ester: O autor está envolvido. A Dorinha já morou em Barbacena, e aí no final eu até convidei a Dorinha, nós vamos fazer um encontro de todas as três salas, e ela sabe um pouco mais sobre essa história de Barbacena e Mariana e ela vai passar para nós, antes da gente fazer a prova

José Valério: como autobiográfico com esse tanto de personagem doido?

Ester: Quando eu disse um pouco autobiográfico, é que tem uma mistura, não sei se vocês viram, tem ficção, ele mistura muita coisa aí. Os nomes, não sei se vocês repararam, mas nós vamos ver mais pra frente, os nomes foram criados, então é uma mistura, não é totalmente a biografia dele. Gente, no capítulo três, surge alguém importante, porque, na verdade, nós temos aqui um romance, e agora que começou. Na outra sala o menino falou “até agora não tem romance nenhum aqui”. Aí no capítulo três aparece quem?... Quem é? Quem é essa pessoa? Nome dela...

A sala: Maria!

Ester: Maria que é a amada de quem, heim, Leonardo? Ela é de quem? Ela vai ser a personagem que vai fazer par com quem? Com o Viramundo. Qual a diferença dos dois, a Maria e o Vira Mundo?. O que você falou, Marco Antônio?

Marco Antônio: Um é pobre, o Viramundo é pobre, e a Maria, ela é rica.

Ester: O Marco Antônio disse que ele é pobre e a Maria é rica... filha de governador. Gente, quem ainda não leu o capítulo, o que vocês acham que pode acontecer com um casal assim, mulher sendo pobre e o homem rico, ops!, o homem pobre e a mulher rica, desculpe.

Vander: Eu acho que ia ser igual à Viviane e o Kadu da “Malhação”.

Ester: Viviane e o Kadu da “Malhação”... o que a Viviane e o Kadu têm a ver?

Vander: É porque a mulher é rica e o homem é pobre.

Ester: E que está acontecendo de diferente lá entre a Viviane e o Kadu?

Vander: Antes eles não tinham dinheiro pra sair. A mãe do pobre agora liberou, agora, a rica paga as coisas pro pobre.

Ester: (...) A mulher pagar para o homem, quem é contra e quem é a favor aqui?

### *Tumulto*

Vander: Eu sou a favor porque as mulheres sempre falam que quem trabalha, quem tem que se esforçar é o homem, que elas também querem trabalhar e ter os mesmos direitos, agora muda, elas trabalham e pagam pra gente...

Brenda: Eu acho que é respeito, né, que tem que ter... não assim, a mulher pagar ou o homem, eu acho que tem que ter um jogo, alguma coisa assim, entendeu?

Áurea Cristina: Eu acho que igualdade seria cada um pagar a sua parte, que aí ficaria igual pra cada lado, um não pagaria tudo, nem o outro.

Carlos: Eu acho assim: quem tiver dinheiro na hora que paga, se os dois tiver divide, ué...

Ester: Então, prestem atenção, a Maria e o Viramundo. Olha só. Hoje, o colega citou a “Malhação”, atual, onde eles vão a menina paga...

Loriene: Depende do lugar aonde ela vai, porque se for prum lugar assim e a comida for muito cara, como ele vai pagar? Não tem como ele pagar...

Carla: Professora, eu acho que tem que analisar assim, eu não li pra frente até agora, mas acho que analisando na época do livro, assim, o que podia acontecer é ser proibido, tipo assim, os dois de ficarem juntos, sei lá, o pai mandar perseguir o Viramundo, pra ele não chegar perto da filha... eu ainda não li, mas acho que naquela época eu acho que seria assim, diferente de hoje.

Ester: Agora, preste atenção... por favor, peguem o livro na página 51... da página 51 – quem já começou a ler o capítulo três já deve ter percebido – a 51, 52, 53 e 54... ah, há diferença de páginas por causa das edições, mas, no terceiro capítulo, as duas, três primeiras páginas, olhe só, têm uma menção muito grande, vocês vão precisar usar o dicionário, e aí, na segunda-feira, vocês vão me entregar, na próxima segunda-feira, é... eu vou precisar saber o significado de algumas palavras que têm aqui. Vocês vão ver, vocês não vai conseguir ler epíteto, etnológico, e outras que tem aqui, que vocês vão precisar procurar no dicionário. E a história começa mesmo lá na página 57, quando o autor diz que ele demorou de Mariana até Ouro Preto dez anos pra chegar a Ouro Preto. Então, ele saiu, ele estava com 18 anos, quando ele chega em Ouro Preto ele já tem 28. E a história aqui não mostra onde ele esteve, fala dos diferentes nomes que o Guido explicou muito bem, os diferentes

nomes que ele recebeu durante esses 10 anos. Mas, assim, onde é que ele esteve? Virando o mundo, né gente? É o que dá a entender pra gente, mas assim, um local, mesmo, a gente não sabe. Então, o que eu quero que vocês prestem bastante atenção, é que ao começar a ler o terceiro capítulo, eu, pelo menos, fiquei um pouco desanimada, porque você tem que ficar consultado dicionário, mas logo logo a história se encaixa novamente. Então, não se preocupe quem não leu ainda, quem não começou, é pra segunda-feira. E... uma coisa que eu quero deixar claro pra vocês, vocês tem que prestar bastante atenção nesse capítulo O negro Vidal é o engraxate. Eu quero que vocês prestem bastante atenção nesse negro Vidal, ele é o engraxate. Até agora, eu pelo menos, não tinha prestado atenção nessa coisa da cor, da cor dos personagens. E agora, já apareceu um engraxate negro. Então, se eu deixei passar, vocês prestem atenção, mas acho que é o primeiro negro que aparece na história.

A sala: tem a negra

Ester: Gravem por favor, ou então anotem, na página 10 ele fala na negra Adelaide, aquela que ele "comeu", tipo assim que ela é a nossa criada. Depois, nós temos o negro Tobias, não, esqueci o nome, já... o negro Tobias, sim, na página 22, e agora aparece o negro Vidal, que é o engraxate. Isso é importante gravar para o nosso testezinho e para as nossas conversas... negro Vidal, na página 58. Então, só pensem um pouquinho nisso, são três negros até agora na história, pelo menos que ele cita até agora, três... a negra Adelaide dá idéia de que ela é uma criada, depois o negro Tobias e o engraxate (...). Vinte e dois, o negro Tobias... o negro Tobias era encarregado da estrada, o trem sempre passava às 3:15. Ah... "avistando de longe o negro Tobias, encarregado da estrada" (...) com certeza ele devia fiscalizar a estrada pra ver que hora que o trem passava, alguma coisa nesse sentido. Até no final do livro, todas essas dúvidas, quem é quem, nós vamos tirando... não que eu tenha as respostas, não tenho todas as respostas, pois também eu estou lendo com vocês, nós vamos discutindo... nós vamos pegar todas as respostas, que não são respostas prontas...

Guido: Professora, no dia da atividade você não vai cobrar os nomes de todo mundo não, né?

Ester: Vai ser racional, viu, Guido, nós vamos cobrar o que é... nós vamos cobrar entendimento... Até então, eu vou parar por aqui, na próxima aula, vocês vão me entregar o terceiro capítulo, aí então eu vou ter tempo de ler, depois a gente marca outra data para debate

8ª A

13 de julho de 2004

Ester: Antes que vocês comecem a perguntar, eu queria perguntar pra vocês o seguinte: qual é o sentido do nome, por que o título "O Grande Mentecapto?" Vamos retomar aquilo que a gente viu no início: por que "O Grande Mentecapto?"

Udson: porque ele era considerado um louco

Ester: Porque ele era considerado um louco, mas... como que é isso? Ele é considerado um louco, mas, vocês acham que ele era realmente louco ou tem alguma metáfora nesse sentido? O que vocês pensam sobre isso?

Joaquim Nunes: Eu acho que é mais uma metáfora, (...) isso por causa de suas atitudes (...) pelo seu vocabulário, pelo que ele pensava...

Ester: Você pode falar um pouco mais alto? É que é pra gravar. Mas, fala mais então, Paulo. A pergunta é a seguinte: você acha que ele era simplesmente um louco ou por trás dessa idéia de loucura existia uma metáfora, né? Pode falar.

Joaquim Nunes: Eu acho que existe uma metáfora, sim. Porque as pessoas pensam que ele é, assim, por causa do seu jeito de ser, do seu jeito de falar, eu acho que isso torna ele assim perante as pessoas um louco, um grande mentecapto.

Tatiana: Porque ele era diferente da população. Ela tinha um modo de vida, ele tinha outro. Ele falava o que ele sentia, o que ele queria, ele tinha a própria maneira dele ser...

Ester: É que modo de vida diferente seria esse?

Brenda: Ele assim, ele procurava a felicidade espiritual, e não a felicidade material, sabe? Ele vivia assim, sem rumo, ele não tinha uma moradia fixa, tal, ele era, vamos dizer, fiel ao destino, aonde o destino o levasse, ele estaria indo.

Ester: Tem tanta coisa mais que ele era, me ajudem a pensar. Se a gente tivesse que levantar umas sete características do mentecapto, o que a gente poderia falar dele? Além disso tudo que vocês falaram?

Mariana: justo.

Joaquim Nunes: ingênuo.

Ester: Uma coisa é ser justo, outra, é ser ingênuo. Você fala um pouco do justo e depois você fala um pouco do ingênuo. Por que ele era justo?

Mariana: Ah, porque ele procurava, assim, atender os direitos das pessoas. Porque as pessoas que tinham superioridade desprezavam as pessoas, então, ele queria justiça.

Ester: E você se lembra de algum fato que, até o capítulo IV, demonstra isso o que você está falando?

Mariana: agora não

Ester: vocês ainda se lembram de algo?

Carlos: justiça

Ester: E aí, qual seria assim essa coisa da justiça? Como a gente poderia caracterizar isso?

Carlos: Ele se candidatava para fazer a justiça.

Brenda: Ele tinha essa característica. Ele não foi candidato a prefeito assim, por ele mesmo, foi por interesse do partido, né? (...)

Ester: Ele se tornou candidato por quê? Por que será que o mentecapto se tornou candidato?

Brenda: Ele também era de cidade pobre, e...

José Valério: Ele próprio representava a população mais pobre.

Ester: A figura dele. Por quê? (...). Você falou que assim mesmo, que você achava ele ingênuo. Por que você acha isso?

Joaquim Nunes: Porque ele fazia os atos dele sem pensar nas conseqüências. Ele pensava no que ele queria fazer no momento (...) e fazia aquilo, visando apenas o bem-estar dele, como uma espécie de orgulho, mas ele não visava as conseqüências, por isso que ele era um tanto ingênuo.

Ester: Por que ele era considerado um Viramundo?

Leonardo: por que ele viajava muito.

Ester: É só por isso? É só pela questão espacial? Só pela questão geográfica que ele era Viramundo?

Mariana: (...) ele ia andando por aí, ele ia aprendendo mais, porque ele andava no bolso com um papelzinho e um toquinho de lápis, aí ele ia anotando tudo o que ele ficava sabendo, essas coisas...

Ester: Em relação à infância dele, como foi a infância do Viramundo?

Mariana: (...) Pelo que mostra assim, que a gente respondeu no roteiro, é que ele foi um jovem superfeliz, tal, que ele ia pro rio, parece que ele gostava muito de rio, e que às vezes ele ia com seus irmãos lá... o que mais?...

Ester: O que aconteceu de muito importante na infância dele?

Mariana: (...) Ele conseguiu parar um trem e mostrou para os amigos dele que ele era capaz de parar um trem. (...) Ele foi até o trilho, abriu os braços e o trem parou...

Ester: E o que será que isso demonstra, essa atitude dele? Coragem?

Brenda: Demonstra que nada é impossível, entendeu? Quer dizer, a persistência, talvez...

Ester: E isso tem a ver com o que, será, heim?

Tatiana: (...) o amigo dele tenta fazer a mesma coisa, mas o trem não pára a passa por cima dele, e ele é culpado de tudo e...

Ester: Será que a gente poderia considerar ele culpado por causa disso?

Tatiana: Não, porque foi o amigo dele que quis imitar ele como herói que ele pensava que o Viramundo é, então, ele foi imitar ele, mas não deu certo, quis bancar o herói.

Ester: Vocês queriam perguntar, assim, alguma coisa sobre o livro? Alguma coisa que vocês não entenderam... A conversa dele é que, ao final do quarto capítulo, vamos pegar aqui... vamos ver com quem ele tava conversando aqui... ele tava conversando com o outro candidato, né? Não é isso? Ele está conversando com o Praxedes Borba Gato, não é isso? Olha que interessante: quem foi Borba Gato? Quem foi Borba Gato? Na história de Minas, quem foi Borba Gato?

Joaquim Nunes: Governador do estado?

Ester: Não! Borba Gato foi um bandeirante! Assim como aquele Paes Leme também foi um bandeirante famoso, ia pelas estradas de minas, garimpando o ouro. Então, Borba Gato foi um bandeirante, a gente viu aqui que esses nomes não estão por acaso no romance. Então, o Borba Gato foi um bandeirante mineiro famoso. E aí, Maria, voltando aqui, você não entendeu o quê? O final? É? Bom, aí ele vai, né? Eles vão conversando, dialogando um discurso, que tipo de discurso é esse que eles travavam? Por que será que o autor, por exemplo, não colocou um discurso que seria comum ao discurso dos políticos?

Udson: (...) Porque ele queria um discurso que mostrasse a realidade, porque na verdade, os políticos falam, falam e falam, mas e como se não dissessem nada...

Ester: Um discurso vazio, né? Então temos aqui uma metáfora também, né gente? Do discurso político, que é o discurso... o quê?... Como a gente poderia caracterizar? Eles fazem mais o quê? O que o discurso político fala pra vocês?

Estagiária: Eu achei interessante quando você fala muito de metáfora, metáfora, parece que, apesar da leitura que eu já fiz, acho que eu não percebi tanta metáfora assim como você tá colocando, e talvez até os meninos até identificando, eu achei isso interessante.

Ester: Eles viram essa coisa de (...) fica mais fácil assim, como um todo, né? Essa idéia de... porque ele poderia ter colocado um discurso comum, né? Típico dos políticos. Na verdade, ele quis fazer uma comparação, né? Quer dizer, você fala, fala, fala, promete, promete, promete, né, e não cumpre, não faz... aí é uma espécie de metáfora... Ao final do capítulo quatro, o povo aplaudia muito, o comandante da escolta chegou e perguntou pra ele: “você já foi conscrito?” O que é conscrito? É se você já foi alistado para servir o Exército, se você já foi recrutado. O comandante perguntou. Aí, ele falou: “não, só fui batizado e crismado”, ele disse. Então perguntou se ele tinha se unido em corpo de tropa. Ele disse também que não. Quando ele era menino, ele queria ser da tropa dos escoteiros, mas, o pai dele não tinha deixado, então, aí o militar disse: “então você é insubmisso”. O que quer dizer insubmisso? O que seria isso? Ele está falando da questão dele se alistar... o que é submissão? Você se submeter a alguma coisa quer dizer o quê? (...) Você se submeter é você aceitar aquela coisa, fazer aquela coisa, mesmo que seja contra a vontade, você se submete a fazer determinado tipo de coisa, normalmente, a submissão nem sempre é alguma coisa que a gente quer fazer, mas sim uma coisa que você é forçado a fazer, né? Então, você é insubmisso, ou seja, você não se submete. E diz: “esteja preso!”. Por que essa atitude radical desse comandante?

(...)

Tudo bem, mas vejam, esse discurso deles, tinha alguma coisa da legalidade, da formalidade? De repente ele fala “esteja preso”, como vocês fazem a leitura desse final tão inesperado. Eu não sei nem se é inesperado, de repente ele fala “esteja preso”, porque ele diz que não tinha se alistado, porque será, heim? Vocês pensaram nisso? Ele foi cercado por militares e foi retirado do palanque, que palanque? O tablado que ele sobem para fazer discursos, ele foi retirado dali a força. O que será que isso demonstra pra gente? A gente tem que pensar nas questões políticas um pouco mais, nas atitudes políticas.

Lauro: (...) porque no debate lá, as autoridades se sentiram ameaçadas...

Maria: Ele estava como se estivesse enfrentando a autoridade, assim, ele estava melhor que a autoridade...

Ester: Aí eles usaram... o que eles usaram?

Maria: Eles foram mais radicais, acho...

Ester: Eles foram mais radicais, eles usaram o quê? A...

Maria: A força!

Ester: A força! Quer dizer, tem muito a ver com a realidade, quanto mais esse candidato se julga superior, quanto mais ele se julga dono do poder, mais ele se sente no direito de, a gente poderia dizer de, reprimir. Essa foi uma atitude repressora, eu acho que demonstra bastante isso. Você entendeu agora o que aconteceu? Esse foi o final do capítulo. Daí, ele foi levado dentro de um trem, foi detido dentro de um trem, foi levado para Juiz de Fora. Juiz de Fora é uma cidade muito famosa por ser, por integrar um exército muito famoso dentro de Minas Gerais, o chamado “Exército de Caxias”. Então, tem muitas pessoas que, quando fazem 18 anos, eles vão pra Juiz de Fora, se alistam em Juiz de Fora, quando você passa dentro da cidade de Juiz de Fora assim, você vê de um lado e de outro uma construção antiga, assim da década de 30, década de 40, que são quartéis, mas assim, quilômetros de quartéis, de um lado e de outro da rodovia. Então, aquilo que eu falei para vocês, tudo o que ocorre nesse romance, muita coisa tem muito da história e da geografia mesmo de Minas... a história se passa só em Minas... Quando a gente for falar na cidade de Barbacena... porque ele foi... primeiro ele se meteu naquela história das rosas... (...) ele já estava convivendo naturalmente com a sociedade barbacenense, todos os problemas já haviam sido esquecidos, né? Desde o misterioso desaparecimento do (...). O Viramundo era conhecido na cidade depois que se espalhou a notícia do acontecimento de que fora causa durante o baile de gala em Ouro Preto, né? Aquele é o homem que “cagou” na cabeça do Governador Ladislau, apontavam ao vê-lo passar. Olha só como a gente vai começando a poder responder como ele se candidata. Como é que ele se torna um candidato? Como é que um candidato se torna um candidato?

Maria: com respeito ao povo e com confiança

Ester: Ele ganha a confiança pública, não é isso? Não é assim que vai acontecendo? Ele vai andando pelas Ruas, e o que acontece? Ele vai o quê? Ele vai conhecendo a pessoa, vai conversando com ele, e aí ele vai construindo a sua história política, ele vai se posicionando. Só que aqui, como é que a gente sabe que ele tomou a posição que vocês disseram outro dia, de protetor dos fracos e oprimidos? Por quê? A página 93 responde isso pra gente. Por que será que ele ficou nessa posição

e não ficou naquela posição que a gente chama... é... da “direita”, entre aspas... vamos dizer assim, né? Por que ele ficou na “esquerda”, protetor dos fracos e oprimidos? Vocês já disseram que era uma característica dele, mas, em termos do que as pessoas conheciam dele, como ele ficou conhecido?

*(Alguém sussurra uma resposta).*

Ester: Isso! Que metáfora é essa?

Dimitri: (...) é o poder político, assim, que ele foi o único que conseguiu fazer o Governador, a fazer coisas ruins para a população, ele conseguiu devolver isso na festa...

Ester: A gente vibrou como leitor, né? “Cagar” na cabeça do Governador é uma inferência, não é? Que a gente, como leitor, é que faz. Não é verdade? Pois na verdade, o texto vai até mostrando isso, mas no momento lá, não passa disso, no momento, quando ocorre, não passa disso. Depois é que a gente vai vendo que as atitudes do Viramundo são atitudes de questionamento, são atitudes ativas, não são passivas, ele questiona, ele quer saber porque, ele é contra a injustiça, ele é do bem, não é do bem? Pois é... então, ele toma essa posição de “esquerda” em função disso, quando ele fala que ele é conhecido nas ruas como aquele homem que desafiou o poder...

Tatiana: As pessoas estavam revoltadas com a situação da cidade, elas não têm seus direitos, tal, aí que começa a idéia de política... aí que eu não entendi, se ele é eleito pela população ou se ele é eleito pelos (...).

Ester: Na verdade, nem aparece a eleição...

Tatiana: Não, aqui fala...

Ester: Aqui fala que ele vira candidato. Tudo bem, nós acabamos de falar, quem é capaz de recapitular? Como é que ele vira candidato?

Tatiana: Não, assim, mas quem elege ele candidato?

Ester: Então... como é que ele se torna candidato?

Ernesto: Quando ele ganha a confiança do povo...

Ester: Salvo engano, é, não existe assim... olha só, vamos ver como isso acontece aqui; página cem... olha que engraçadíssimo: o candidato, o outro candidato chamava-se Praxedes Borba Gato, a gente viu que era Borba Gato porque Borba Gato era um bandeirante, ele era professor, e chamava Praxedes.

Paulo: De onde vem esse nome doido?

Ester: De onde vem Praxedes, a etimologia da palavra Praxedes? É tanta coisa que a gente tem que descobrir, né?... “Práxis”, o que é “práxis”? É uma palavra latina, se não me engano, grego ou latina, mas é latina, sim, que quer dizer o quê, “práxis”? Eu fiz um parêntese aqui, só um minutinho, porque eu invoquei com esse nome... Por que Praxedes? Ele era professor. Praxedes... não precisa nem olhar, o nome é Praxedes Borba Gato, nome do professor, ele era um professor-candidato, o outro candidato. Será que tem alguma coisa a ver, Praxedes? Ele era natural ninguém sabia de onde. Era um homem sisudo, que arrotava “sabenças”, mas cujo nome se deslustrava na condição de pau-mandado do Governador Ladisbão. Ele era pau-mandado do Governador Ladisbão. Começou a ficar apreensivo com aquela situação... Estão vendo como as coisas vão acontecendo aqui, olha... vamos voltar lá na pergunta do Paulo, mas vamos pensar melhor depois porque ele se chamava Praxedes...

*(Tatiana começa a ler um trecho do livro)*

Ester: Isso, página 89, gente. Desculpe, página 98, estou lendo de cabeça para baixo. Página 98 ..., pode até voltar um pouquinho, página 97: “Nessa época, a cidade inteira se indignava com a situação criada por Clarimundo Ladisbão, Governador-Geral da província, que a ela queria impor como candidato único(...)” Ah, muito bem, tá vendo, ó? Havia um conflito, eles queriam colocá-lo como candidato único nas eleições municipais um prefeito de sua exclusiva escolha. O Governador queria impor um prefeito, são atitudes autoritárias, são desmandos, abuso de poder, então, o que acontece? A cidade ficou indignada com tal situação, né? E vendo uma pessoa como o Viramundo, que havia “cagado” na cabeça do Ladisbão, aí não teve outra, né? Rapidinho, o perfil dele coube direitinho como candidato que seria da oposição. Tá claro agora? Na verdade, a cidade inteira se indignava.

Maura: (...) pra eles ganharem, eles deveriam colocar alguém que o povo queria...

Ester: Olha, normalmente, quem se candidata, se candidata porque existe... lógico, há políticos que fazem de tudo para que eles sejam candidatos, mas existe também a inferência popular, quer dizer, não é uma coisa que o povo não tenha influência... (...) Não tem como, ele tem que ter o apoio popular para se candidatar, não é? Tá certo, pessoal? Agora, esse nome, Praxedes, vamos pensar nele com calma, pra gente ver realmente o que ele significa, porque Praxedes, né? Porque eu acho

que tem alguma coisa a ver aí. E aí, vocês querem perguntar mais alguma coisa, tem mais alguma dúvida, alguma questão? Não?

GRUPO FOCAL  
8ª A/B  
7 de julho de 2004

Cecília: Em primeiro lugar, como eu já disse, eu gostaria de agradecer a atenção de vocês, e tenho aqui alguns trechos do livro “O Grande Mentecapto”, que já foi lido, já foi discutido, esses trechos, e eu gostaria que vocês tecessem alguns comentários acerca de alguns trechos do livro. Por exemplo, na página nove, nós temos um trecho aqui que o Viramundo “teve sarampo, catapora, caxumba e coqueluche. Pegou sarna pra se coçar, correu de boi bravo, botou cigarro na boca de sapo para ele fumar até arrebentar. Se escondeu na cesta de roupa suja para ver a irmã mais velha tomar banho, quis pegar a irmã mais nova e depois teve remorso”. O que vocês acham disso? Guido... Guido Vander, né? O que você acha?

Guido: Eu acho uma coisa diferente, assim, comportamento é assim, sei lá, um pouco oposto ao que eles pedem hoje em dia, se ele era mais moleque, tinha certa malícia, mas acho que o comportamento assim não justificava muito, eu acho que ele tinha uma certa maldade...

Cecília: Você disse que o comportamento dele é diferente do que prega hoje, acho que todo mundo aqui entendeu isso, que tipo de comportamento se prega hoje?

Guido: É... sei lá, respeito, a gente ficar quieto no nosso canto e esperar a hora certa pra coisas, assim, eu acho que está muito apressado...

Cecília: Está muito apressado, né? Você tem mais alguma coisa para falar?

Ghilherme: Só isso...

Cecília: Joaquim Nunes.

Joaquim Nunes: Eu não sei se antigamente o “negócio” tinha muita religião, porque nesses tempos hoje, se diz que é pecado “pegar” algum parente, assim, aí... não sei se era liberal ou se era comum fazer isso.

Cecília: Em outro trecho de “O Grande Mentecapto”, e entre um desses trechos, nós temos o seguinte: “Ficou tudo combinado, as apostas foram feitas. No dia seguinte, muito antes da hora em que o trem costumava passar, eles já tinham ido junto da linha. Eram ao todo 15: Dimas, Zezico, Toninho, Vivi, Jacaré, Celito, Naná, João Mãozinha, João Piçudo e João Molenga. Pingolinha, Bertoldo e Nazaré. Esses dois últimos irmãos de Geraldo, e duas meninas, A Cremilda, filha da professora, amada de todos eles, e a negrinha Salomé. A notícia da aposta com Geraldo Viramundo tinha se espalhado depressa, pois ele punha em jogo a sua afamada coleção de bolinhas de gude. Apostavam contra ela, respectivamente, um bodoque, um canivetinho com saca-rolhas, uma fivela de cinto, outro bodoque, cinco botões, uma manga-espada, um estojo com lápis e borracha, outro bodoque, três bombinhas de São João e uma tira de “espanta-coió”. Um vidro de vaga-lumes, um pacotinho de pastilhas de hortelã-pimenta, um pião com fieira, um canudo de lata, um beijo na boca e um bexiga de boi, de acordo com as posses de cada um. Geraldo Viramundo chegou com os bolsos cheios de bolinhas de vidro, nunca perdeu de ninguém na biroscas, passou por baixo da cerca de arame-farpado e subiu o barranco, onde os outros já esperavam. De propósito, tinha deixado que eles viessem antes para dar mais importância ao acontecimento. O que é que você vai fazer? – Alguns perguntaram. Não se dignou a responder. Exigiu antes que enfileirassem na pedra grande do barranco tudo o que eles apostavam, menos a Cremilda, que perderia um beijo, segundo Geraldo tinha estipulado, porque senão não haveria nada. E você? – Cremilda quis saber. – O que é que você perde? Perco minhas bolas, já não falei? Dá mais de dez pra cada um. Quero lá saber de bola de gude? – Desafiou a menina, mãozinha na cintura. Geraldo riu. Então perco um beijo também, pronto. E lhe deu as costas”. É, o que você acha do caso deles terem apostado um beijo, um menino ter apostado um beijo com a Cremilda?

Dimitri: É... interessante!

*(Risos).*

Cecília: Por quê?

Dimitri: Porque assim ele ia ter muito mais vontade de ganhar.

Cecília: Porque você acha que ele teria muito mais vontade de ganhar?

Dimitri: Pra ganhar um beijo.

Vânia: Um beijo é um beijo, uai...  
Cecília: Então, o que vocês acham de ele ter apostado um beijo, um beijo da Cremilda, a troco das bolinhas de gude? O que você acha?  
Udson: Eu acho normal, ele teve ter algum interesse no meio da jogada, ele já tinha bolinhas de gude, pra que ele ia querer aquele tanto de outras coisas, se ele queria uma coisa especial?  
Maura: Ele também foi esperto da parte dele, pois ganhando ou perdendo, como ele também apostou um beijo, de qualquer forma ele sairia ganhando, entendeu? Ganhando o beijo da Cremilda...  
Cecília: O que você acha da aposta do Viramundo, José Valério?  
José Valério: Aposta?... Ah, do trem?  
Cecília: Isso, do que ele receberia em troca?  
José Valério: Ué, eu acho que ele foi esperto...  
Mauro: Eu acho muito bobo, foi parar o trem...  
Cecília: Bobo? O que ele deveria ter pedido?  
Mauro: Como naquela época, era naqueles tempos mais antigo, achei que era (...) porque ele era menino, era brinquedos, era muito bom pra eles.  
Guilherme: Porque hoje a gente fica mais no computador, jogo eletrônico...  
Cecília: O colega aqui ele deu uma fala interessante aqui. O que você acha que ele deveria ter apostado?  
Cândido: Uma metida.  
Cecília: Por quê?  
Cândido: Porque é melhor. É melhor.

*Risos!*

Cecília: e se a Cremilda fizesse isso?  
Cândido: Aí ela seria uma galinha! Mulher tem que ficar quieta!

Risos e protestos

Cecília: O que você acha Mariana?  
Mariana: Ah, eu acho que a mulher deve se preservar!  
Cecília: Yanca!  
Yanca: Eu acho que homens e mulheres têm de ter os mesmos direitos! Na prática isso ainda não acontece, mas ...  
Cecília: O que vocês acham disso?  
Lane: A eu acho difícil chegar a um entendimento! Mas eu penso que todos devem ter direitos iguais, apesar de sempre falarem que mulher é diferente... Eu não sei...  
Cecília: E você Guido, o que acha?  
Guido: Eu acho que as mulheres pensam que se desvalorizam quando se entregam a alguém. Eu não penso assim, se tem amor...  
Pesquisadora: Mais alguém quer falar alguma coisa?  
A sala: não  
Cecília: No primeiro exemplo da folha, nós temos o quê? Na página nove eu tirei um trecho, e esse trecho é o seguinte: "teve sarampo, catapora, caxumba e coqueluche. Pegou sarna pra se coçar, correu de boi bravo, botou cigarro na boca de sapo para ele fumar até arrebentar. Se escondeu na cesta de roupa suja para ver a irmã mais velha tomar banho, quis pegar a irmã mais nova e depois teve remorso. Perdeu a virgindade numa cabrita. Fugiu de casa e apanhou, e por isso tornou a fugir e por isso tornou a apanhar". Levanta a mão quem quer fazer algum comentário sobre esses trechos, esse trecho de "O Grande Mentecapto". Alguém quer fazer algum comentário?

*(Ninguém se manifesta)*

Cecília: Da primeira parte, olha só, esse primeiro pedacinho aí, o que vocês acham dele ter se escondido na cesta de roupa suja para ver a irmã mais velha tomar banho?  
José Valério: Ué, normal da idade, ele era curioso, uai, queria ver...

*(Uma voz feminina ao fundo pareceu dizer "safado").*

Cecília: José Valério, o que você acha?

José Valério: Pode ter sido safado também, mas a curiosidade também para poder se empenhar em fazer isso tinha que ter também...

Cecília: O que foi?

Arlindo: Os hormônios...

*(Risos).*

Cecília: Ah, é por causa dos hormônios? E o que é que esse hormônio faz?

Arlindo: Uai... algumas reações...

Cecília: Então, olhem só, de acordo com a opinião dos colegas, é por causa de hormônios que ele é safado, alguma coisa nesse sentido. E quando ele diz que quis pegar a irmã mais velha e teve remorso. O que é esse "pegar" a irmã mais velha, você pode falar pra gente?

Arlindo: É... relação sexual...

*(risadas)*

Cecília: E o que você acha disso?

Arlindo: Não sei...

*(risadas).*

Cecília: Joaquim Nunes?!

Joaquim Nunes: Ué, eu acho que é interessante, porque ele mostra se alguém leu e não teve a doença, ficou conhecendo a doença pelo livro...

Cecília: Qual doença?

*(Risadas).*

Joaquim Nunes: Aqui, você não me mostrou que teve sarampo, catapora...

Cecília: Ah, você está falando das doenças... então tá certo, tá bom, obrigada. Nesse trecho fala que ele perdeu a virgindade com uma cabrita. O que vocês acham disso? Tem alguém que quer comentar alguma coisa?...

Mauro: meu vô

Cecília: O que tem seu avô, Mauro?

Mauro: Uai, ele falou que ele "comeu" e falou que é bem parecido com uma mulher...

Cecília: E você? Como passaria por uma experiência dessa?

Mauro: Uai, de boa, se estivesse com muita vontade...

*(Tumulto).*

Cecília: No segundo trecho temos o quê? "fez flautinha de bambu, ficou preso pela piroca num gargalo de garrafa, molhou o pijama de noite, teve medo de estar doente, ficou com pedra na maminha e perguntou a mãe o que era. Se apaixonou pela filha mais velha dos italianos do empório, tirou o cavalinho da chuva, pensou na morte da bezerra, chorou escondido, teve medo, descobriu que o céu era imenso (...)" Alguém tem algum comentário a fazer a respeito desse trecho? Alguém tem? Segundo trecho, Joaquim Nunes, que fala que ele "ficou preso pela piroca num gargalo de garrafa"...

Joaquim Nunes: Ué, eu acho que isso é uma coisa natural, porque todo adolescente sente uma necessidade a mais, a carne é fraca, daí vai, não tem a menina pra fazer, enfia o... na piroca...

Pesuisadora: Enfia o... como é que o negocinho chama?

Joaquim Nunes: Pipiu...

*(Risadas).*

Cecília: Isso, então ele enfiou o pipiu na garrafa e ficou preso. O que você acha disso, Cristiano?

Cristiano: Ué, assim... eu queria ter conhecido ele, né, mas, aí, como eu não conheço, eu acho que ele agiu certo, pois é melhor fazer na piroca, ou melhor, fazer na garrafa do que fazer em qualquer menina aí.

Cecília: o que é qualquer menina?

Cristiano: menina que fica com qualquer um.

Cecília: e existe qualquer menino, assim como as meninas?

Cristiano: Aí não. Menina é qualquer uma; menino é homem!  
Cecília: Homem? Como assim?  
Cristiano: Tá cumprindo seu papel, não vai ser chamado de bicha, marica.  
Cecília: Vamos pensar. Esses papéis são justos? O papel da mulher e do homem?  
Luciano: pra mim tá de bom tamanho!  
Yanca: continuo achando que é preconceito e discriminação!

### *Tumulto*

Cecília: E o que vocês acham do fato do Viramundo ter sentido medo?  
Mauro: Eu acho que ele sentiu medo porque, como ficou preso, vai que tinha que amputar pra poder tirar...  
Cecília: Mas olha só: aqui diz que ele teve “medo de estar doente. Ele chorou escondido e teve medo...”  
Mauro: Então, vai que tinha que amputar...  
Cecília: E se amputasse?  
Mauro: Ia ficar sem...  
Vânia: Ele colocou na garrafa que ele tava necessitado...  
Mauro: Ia passar a vida inteira amputado...  
Cecília: e se ele fosse amputado?  
Mauro: Ia ficar sem o “pau”, né?  
Cecília: E ...?  
Mauro: E daí sem “vidas amorosas”, sem sexo.  
Cecília: E ...?  
Mauro: Daí que seria o fim do mundo.  
Cecília: E seria o fim do mundo por quê?  
Mauro: Sem sexo, sexo, sem sexo...  
Mariana: O homem necessita de sexo...  
Cecília: Por quê?  
Mariana: Ah, porque... sei lá, porque são jovens, tipo avançado mesmo...  
Carlos: As meninas são mais safadas que os homens, só que não demostram...  
Cecília: (...) você comentou a respeito de ser necessidade de homem. Por quê?  
Mariana: Necessidade assim, no sentido de que eles querem avançar as coisas, sabe? Às vezes, eles tão muito novinhos e já querem por a mão, mostrar que são os machos, tal...  
Guillherme: Pior que é mesmo...  
Mariana: Mulher já é um pouco diferente, não precisa tanto...  
Cecília: Por que mulher é diferente?  
Mariana: A gente não tem necessidade de falar pros outros “uau, eu sou o máximo, eu fiz isso”, a gente acha que tem que ser na hora certa, com o cara certo...  
Cecília: Ah!!!!  
Mauro: Os homens têm que pôr em uso, só isso...  
Cecília: Explica pra gente porque você acha interessante ter falado que chorou escondido, fala.  
Yanca: Não, eu só acho assim: o homem sempre tem aquelas, tipo assim, eu não sei... aquela história... tipo assim, de falar que homem que chora é veado, preconceito, e aí fala que chorou escondido mostra bem esse negócio, que chorar na frente dos outros parece que ele não é homem, então, tem que esconder pra chorar...  
Cecília: A terceira frase é o seguinte: “sentiu dores nos culhões, comeu a negra Adelaide, virou homem”. O que você tem pra dizer?  
Joaquim Nunes: Eu sou um homenzinho, não, eu sou um homem, e não comi ainda ninguém, eu sou um homem.  
Cecília: Muito bem!  
Carlos: Eu tô na seca, faz quatorze anos que eu não transo.

*(Risadas).*

Cecília: Quantos anos você tem?  
Carlos: Quatorze.

*(Risadas).*

Cecília: Outro comentário?... O que você acha da frase?

Guido: Que frase?

Cecília: Essa. "Sentiu dores nos culhões, comeu a negra Adelaide, virou homem".

Guido: Eu acho uma bobeira, porque parece que ele virou homem só porque comeu alguém...

*Tumulto.*

Cecília: E você, o que acha?

Mauro: Legal. É uma tradição deles...

Cecília: E você acha de tradição?

Mauro: A maioria é legal. Antigamente tinha muita tradição, hoje já acabou...

Cecília: (...) então, nós temos o trecho aqui: "Do outro lado do pasto, junto do campo de futebol, avistou Cremilda no seu vestidinho curto, encostada numa árvore, olhando para todos os lados, pálida, ofegante, transfigurada de medo. 'Cremilda!' Acercou-se dela correndo, segurou-lhe o rosto com as duas mãos. 'Cremilda, eu quero o meu beijo!' A menina só teve tempo de encará-lo com os olhos enormes. Ele a beijou com tanto ímpeto que os dois rolaram no capim abraçados. 'Mais, Cremilda, mais!' E tornava a beijá-la as gargalhadas. Cremilda chorava". Você tem algum comentário, Guido. Guido... comenta pra gente.

Guido: Eu acho que o Viramundo... ele tava assim... com muita gana de pegar o prêmio dele, é que ele acabou fazendo a menina chorar, deixando ela triste, alguma coisa do tipo, pois ela chorou... e, que, não foi correspondido. Talvez o que ele sentia por ela, ela não sentia por ele. Por isso que ele beijou ela daquele jeito...

*(Tumulto).*

Cecília: Deixa eu ver o que a... como você se chama? O que a Áurea Cristina tem pra falar desse trecho, quando o Viramundo beijou a Cremilda.

Áurea Cristina: Eu achei que foi muito bem o que ele fez.

Cecília: Por que foi muito bem ?

Áurea Cristina: Porque ele queria.

Cecília: Ele? Só ele?

Áurea Cristina: Não, ela também.

Mariana: Eu acho que ela não queria *(risadas)* porque ela tava tremendo *(risadas, tumulto...)*

Bate o sinal

FITA 6

8ª A

5 de agosto de 2004

Ester: (...) Psiu! Peraí só um pouquinho que ele falou uma coisa importante: ela não deveria...

Carlos: ... proteger a Marielza!

Ester: Por que ela não deveria proteger?

Carlos: Porque, assim... porque ela é mulher!

Dimas: É que nem você falou, que a mulher ela pensa antes de fazer as coisas, aí eu acho que ela não ia fazer as mesmas coisas que ele, que muitas das coisas que ela faz ele não faria...

Ester: mas a mulher é tão diferente do homem?

Carla: Porque hoje em dia, o pensamento que a gente tem é esse, que a mulher é mais sensata que o homem. Então, eu acho que... é normal, entendeu? Tanto é que o Viramundo fez a mesma coisa que fez uma mulher. Só que, se ela fizesse, eu acho que ela seria considerada ainda mais louca, por ela estar fazendo isso, de acordo com o nosso pensamento.

Ester: Muito bem!

*(Percebe-se, claramente, um som de deboche dos colegas).*

Ester: Porque realmente o que ela falou, o que a Carla disse... (...). Vamos ver quem mais... fala, Guido!

Guido: É capaz que o Viramundo juntar os loucos e os mendigos lá perto da prefeitura para pedir para tirar, pra deixar eles viver livres de novo, porque está prendendo eles, então, o Viramundo liderou, tipo assim, uma revolução, se fosse uma mulher, ela seria tipo Joana D'arc, porque ela era uma visionária...

Ester: Então fala um pouquinho da Joana D'arc para os meninos. Ela era uma visionária?

Guido: Ela foi uma visionária, assim... ela liderou um exército, ela achou que era enviada por Deus, só que morreu queimada como uma bruxa... ela falava que era enviada de Deus, só que no final ela foi queimada na fogueira pelos inimigos.

Ester: Certinho. Então, olhem só aonde já chegamos: se o Viramundo fosse uma personagem feminina, olha só as diferentes opiniões que nos já tivemos aqui... O Guido comparou que, se o personagem Viramundo fosse uma mulher, ele comparou com Joana D'arc. E aí, o Célio...

Célio: Peraí, quebrar a unha, ai, quebrei minha unha, gente...

*(Risadas).*

Célio: Se fosse mulher, não iria ter a mesma coragem para enfrentar aquela vaca lá aquela hora.

Ester: Não?

Célio: Não, porque não ia. Mulher tem medo de vaca.

*(Breve tumulto).*

Vander: Professora, sabe o que eu acho?

Ester: Vitor!

Vitor: Eu acho que se fosse mulher, os leitores iam ficar, assim, mais impressionados, porque está acostumado a ver mulher só passando, lavando, cozinhando.

Cecília: No meio da gravação, a fita, o gravador foi desligado, porque o aluno Dimas pediu que a fala dele não fosse gravada, porém, ele comentou que se a personagem do livro Viramundo fosse uma mulher, seria um tanto quanto estranho, porque naquela época não existiam mulheres na política, e muito menos mulheres no exército, e em alguns momentos do livro, aparece o Viramundo se envolvendo com política e também com o exército. Por isso, a fita foi interrompida, a pedido do aluno.

Ainda outra observação: essa fita foi gravada no dia cinco de agosto, numa aula cujos exercícios foram algumas perguntas a respeito da capa do livro "O Grande Mentecapto". Essa discussão anterior foi feita na Oitava "A".

**ANEXO 3B**

**TRANSCRIÇÃO DE FITAS – ESCOLA II**

PESQUISA DE CAMPO  
ESCOLA II  
22 de fevereiro de 2005  
ELABORAÇÃO DE REDAÇÃO EM GRUPOS/ TEMA: GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

FITA 1  
8ª série

(...)

Márcia: (...) Quais são os argumentos?

Túlio: Os argumentos que a gente acha que acontece isso é por causa que... ah, não tem uma estrutura familiar que... o adolescente precisa de conversa com os pais a respeito do assunto, porque, sem conversar, o adolescente (...) tem muita curiosidade, e sem saber o que vai acontecer, ele tem curiosidade e faz, sem saber as conseqüências, aí mais na frente ele... se... e... *(alguém fala rapidamente alguma coisa ao fundo, certamente na tentativa de auxiliar o colega)* ele se arrepende, e não está pronto para, por acaso, virar pai, ter um filho com 15, 16 anos, não tem trabalho, não tem renda, não tem maturidade suficiente.

Guilherme: Toda a maioria dos filhos... a maioria dos filhos não têm a liberdade de conversar isso com o pai, tem vergonha, não sei o que lá, essas coisas...

Leandro Franco: Até pai pensa que isso não é coisa de realidade pra uma criança, pra algum adolescente, pensando "que que isso, meu filho, você tá pensando nisso?"

Márcia: Não é mais porque ele acha que o filho não cresceu? Que ele é imaturo ainda?

Leandro Franco: Cada vez que meu pai fica mais velho, parece que eu fico mais novo...

Márcia: Mesmo? Quanto mais velho, mais novo você fica?

Leandro Franco: Ao invés de ser ao contrario, né? Ao invés de ficar mais velho, mais liberal, não...

Márcia: Você consegue ver o porquê disso?

Leandro Franco: Não... eu acho que eu não consigo ver o porquê não...

Márcia: Nem imagina?

Leandro Franco: Não, tanto é que eu tenho dois irmãos, muito mais velhos, minha irmã já está quase casando, já tem 22 anos já...

Márcia: Aí ele fica superprotegendo você... com mais tempo vai piorando... *(burburinho)*. (...) Mais algum argumento?... Mais algum acréscimo de argumentação? Isso está bem esquematizado, vocês já esquematizaram aí, para depois não ficar muito geral, é... (...). Gravidez na adolescência. Então vamos acrescentar. Prestem atenção, porque esse trabalho, o resultado é muito melhor do que fazer uma produção de texto individual. Quem vai falar do grupo? Hélio.

Hélio: Pode acontecer, tem várias maneiras de acontecer, uma delas é, foi bem na hora que vai acontecer, ou então é por causa que...

Lauro: Também pode ser a falta de diálogo com os pais... de conversar com eles... falta de informação...

Márcia: Você acha que falta informação pros jovens?

Lauro: É, porque alguns adolescentes mais pobres assim até se prostituem para poder manter a família, aí acabam tendo esses filhos indesejáveis.

Hélio: Lauro, o homem também, quando tem vontade (...) eu acho que todos assim são informados porque que precisa usar, porque em todo lugar que você vai, tá escrito no outdoor, na televisão, "use camisinha pra prevenir além de doenças a gravidez também". Eu acho que por preguiça ou por pobreza de comprar a camisinha (...)

Márcia: Mas camisinha no posto de saúde é de graça... *(Breve tumulto)*. Opa! As pessoas são forçadas a quê?

Robson: A fazer isso aí...

Márcia: O que que elas são forçadas?

Robson: A fazer não... esse negócio também... a mulher quer que o cara use camisinha... mas o cara fala não... faz o negócio com ela, aí ele não tá nem aí com o filho... *(tumulto)*.

Márcia: Gente, eu vou pedir mais uma vez: um de cada vez, vocês tem que anotar se têm algum argumento diferente de vocês ou não, então, prestem atenção por favor.

Amália: A gente está abordando gravidez na adolescência e a gente pegou também, vários de nossos argumentos bateram com os já falados anteriormente, são os deles, a gente também acha que tem muito preconceito contra a camisinha, não sei se por parte do homem, algum preconceito que ele tem contra ele mesmo, que ele tem com o sexo seguro, que ele tem... assim, são vários os preconceitos

contra isso. Todo mundo sabe que é uma forma de você prevenir uma gravidez, prevenir uma doença, AIDS, que é uma doença recente, agora, é recente mas todo mundo sabe que existe, aliás, todo mundo sabe que existe, tanto é que muita gente conhece pessoas com AIDS, que foi, nos anos 80 que foi aquela explosão, 70, 80, por aí, aquela explosão de AIDS. A gente tem informação. A gente decidiu utilizar a gravidez na adolescência por quê? Uma das coisas é que a gente está passando por este período. Nós, como a maioria do grupo é menina, vai transar com menino, nós, somos... a mulher eu acho assim que, quando acontece essa gravidez na adolescência, a mulher é a mais prejudicada, então, nós colocamos em debate essa gravidez na adolescência por quê? É uma coisa da nossa atualidade, a Raquel contou casos de pessoas assim, que eu não vou falar os nomes, mas são casos de pessoas que ela conhece que tiveram, ou vão ter, filhos na adolescência, e é uma coisa que prejudica a mãe, prejudica o filho, prejudica esse pai, se for um pai presente prejudica ele também, porque nos não estamos numa fase em que estamos emocionalmente preparados para ter um filho. Não estamos, por isso é que, nosso corpo vai se preparando, agora as explosões do nosso corpo, cheio de hormônios e tudo, as explosões hormonais nossas, mas a gente não está preparado para ter um filho, até mais psicologicamente do que o corpo. É que psicologicamente porque nos ainda somos crianças, a gente ainda depende dos nossos pais. "Tá, nós somos crianças, mas isso é muito preconceito". Adolescente odeia ser chamado de criança. Somos adolescentes, então. É... os nossos pais, a gente ainda depende muito deles, a gente não trabalha, a gente não luta, é uma opinião sozinha, tudo a gente volta para aquela família, aquela família que envolve, aquela família que dá proteção, que dá cuidado pra gente. A gente não tem condições de cuidar de outro ser, de outra pessoa, então, por que ter essa gravidez na adolescência se tem tantos meios de se prevenir e tanta informação? A gente achou esse argumento que foi o preconceito contra essas formas, e não tanto a falta de recursos e nem de informações, porque a televisão, que é uma, assim, 90% das pessoas eu acho, têm em casa e assistem aquela novela das oito. Pega aquela história da menina grávida, todo mundo viu o que ela passou, e mesmo assim, as pessoas, adolescentes, continuam...

Maura: Tem uma coisa que eles falaram, que tem que ter mais informação, pelo contrário, eu acho que é o que mais está tendo, que não é por falta de televisão, outdoor, de cartaz, de tudo, sabe? Eu acho que eles não usam mesmo é porque não querem utilizar.

Fabiana: Também acho que o grande problema é o diálogo com os pais, né? Tipo, a maioria das pessoas tem meio dificuldade, meio vergonha de chegar nos pais e conversar sobre o assunto. Então depende de família em família, assim, a educação que os pais dão.

Lauro Marins: Às vezes, tem mulheres que querem ter filhos, acham que é bonito, ah, acha que é uma bonequinha, pensam que tudo é fácil, né? Mas o tudo fácil vira tudo difícil...

Amália: Ah, eu não acho que nenhuma adolescente quer ter um filho. Nossa, pelo menos da nossa classe, assim, que a gente conhece, eu não conheço nenhuma pessoa assim mais pobre, muito mais pobre, já na linha da miséria, eu não conheço, pra falar a verdade. Mas eu não acho que nenhuma menina da nossa idade queira ter um filho, primeiro que ela não estuda, segundo que ela não tem condição, terceiro que ela pode nem saber quem é o pai dessa criança, quarto que esse pai não pode criar esse menino, e quinto que a vida dessa menina vai ficar estragada pra sempre...

Robson: Quando ela tem um filho, a adolescência dela acaba naquele exato momento...

Berta: Todas as meninas da nossa idade, que têm filho na nossa idade, filho, quem cuida do filho realmente é a mãe da menina, não é a menina. Aliás, a mãe da menina passa a ser vó e mãe do menino... e assim, essa criança não tem nada a ver, ela não pediu pra nascer... agora, quem quis, né?...

Fabiana: (...) Quando a menina está grávida, ela fala "é uma bonequinha" pro namorado dela, aí o namorado não quis mais saber dela...

Márcia: (...) Vocês... quem é que vai falar aqui? Antônio.

Antônio: Assim, o nosso grupo pensou o seguinte: cada um teve uma opinião diferente, é... mas, também, muitas idéias, assim, foram iguais... como por exemplo, a idéia da... irresponsabilidade dos adolescentes, que muitas vezes, por causa da falta de responsabilidade, ele não usa a camisinha, porque acha que não vai acontecer com ele, e acaba ocorrendo a gravidez, e muitas vezes os homens se preocupam menos, pois não são eles que vão cuidar da criança, eles só apenas fornecem o dinheiro, a pensão, só isso que eles vão fazer, na maioria das vezes, grande parte... e muitas vezes também, até por preguiça, porque não compra e acha que não vai acontecer, não tem nada a ver, e muitas vezes ocorrem até as doenças sexualmente transmissíveis, como, por exemplo, a AIDS, né? Que ocorre por causa desse descuido dos adolescentes hoje, e... muitas vezes também, tipo, numa cidade muito pequena, que não tem muita informação, muitas vezes ocorre a falta de informação e a falta de lugar, aonde que não sabe onde pode arranjar, então, faz sem saber... (...).

Guilherme: (...) é de graça, só que você vê em muitos programas de televisão que em cidades que não tem muita convivência com a sociedade atual, o sujeito faz sexo, mulher que tem de 11 a 12 filhos... isso aí é falta de informação e de recurso também...

Márcia: Então tá. E aqui? Quem vai falar?

Carla: A gente concorda... quer dizer, além do que todo mundo falou, a gente também acha assim, que por exemplo, que às vezes pode ser alguma coisa tipo impulso... ou senão, por exemplo, igual na minha cidade, às vezes todo mundo já teve, e você é a única que não teve relação sexual, aí faz por curiosidade... aí, sabe, nem leva em conta se proteger, pegar uma doença assim...

Guilherme: Igual o pessoal tava falando, tem a pressão também, amigo pressionando, porque um já fez, que falou que foi muito bom, que não sei o que, aí o outro vai, se sente pressionado e aí acaba fazendo sob pressão... por impulso, às vezes nem utiliza a camisinha por causa da pressão também...

Ismara: Uma vez eu vi um termo na TV, chupar bala com papel... (*ridos da aluna*) tava passando uma reportagem, né? Adolescentes discutindo que... (*sinal, tumulto*).

Escola II

1 abril 2005

8ª série

Mariângela: (...) é um provérbio. O que que está escrito nesse provérbio?

A sala: "Mulher no volante, perigo constante".

Márcia: "Mulher no volante, perigo constante". O que que vocês acham disso?

Vamos supor... você, Amália

Amália: Bom, eu acho esse provérbio uma coisa, assim, muito falada hoje em dia, é um conhecimento popular que todo homem, meu pai, por exemplo, toda vez que alguém faz uma barbearagem, ele vira e fala: "ah, é mulher...", e... eu temo, assim, não sei se é coincidência, porque eu defendo que não, que não seja... que não seja, uma coisa que seja pra todas as mulheres, mas, na maioria das vezes é mulher, aí só faz crescer aquela coisa que eles têm de que mulher dirige mal. Mas eu acho que assim, esse provérbio ele é muito mentiroso, porque isso não depende da pessoa, isso não depende do sexo, se é mulher ou se é homem, depende dela aprender a dirigir, depende da capacidade dela, várias das vezes eles normalmente também estão errados, mas o problema é que eles não aceitam. Ah, muitas vezes já até satirizou isso no cinema, "a gente está perdida, a gente já passou por aquela árvore três vezes, calma que eu sei o lugar, vamos parar para perguntar? Não, eu sei". Eu acho que na maioria das vezes é mais mulher nesse provérbio porque a gente tem aquela tendência de saber, de afirmar quando a gente tá errada. Tá, faz barbearagem também, mas homem também faz, homem também bate, homem também fura sinal... Lá em casa, quando meu pai fala isso, eu viro pra ele e falo: "ele tem duas multas, minha mãe não tem nenhuma". Aí ele se defende, fala que é por causa que ele não tinha passado naquele lugar, mas eu acho que esse provérbio está muito errado, que ele está sem nenhuma fonte, sem nenhum dado de pesquisa...

Márcia: Alguém quer falar? Você ... Guilherme.

Guilherme: Guilherme. Eu tava... meu pai também é cheio desses trem de falar "ah, é mulher também, né? Dá um desconto, que não sei o que..." só que eu não lembro onde eu li, foi numa reportagem, os índices de acidentes de carro são muito maiores entre os homens do que entre as mulheres, porque a mulher é mais cuidadosa na hora de dirigir, igual, eu tenho exemplo em casa, meu pai. Meu pai dirige assim, a cem por hora, ele sai xingando todo mundo, e vai não sei o que. A minha mãe, não. Minha mãe... um fusquinha pode tá na frente dela, mas ela vai ali, calma, ela pára no sinal, em todo sinaleiro, entendeu? Ela é mais cuidadosa, ou seja, os índices de acidente de carro entre os homens são muito maiores, então, esse provérbio tá totalmente errado, mulher no volante, perigo constante?

Márcia: Olha só, o colega ali está falando uma outra coisa, vamos ver o que ele tem para falar. Seu nome.

Lauro: Lauro Marquez.

Márcia: Então fala, Lauro.

Lauro: Isso não é comprovado!

Márcia: O que não é comprovado?

Lauro: Que os acidentes de carro é mais de homem do que de mulher, porque é dos dois. Mas, tipo, mulher no volante também é aquela coisa. Minha mãe, ela vai no volante, o sinal abre e ela continua

parada, tem que dez buzinar atrás dela para ela acordar, quando o sinal abre. Aí, que nem o professor Soares tava comentando, que uma vez uma ex-namorada dele tava no sinal, a hora que ele viu o sinal tava fechando de novo com ela no sinaleiro.

*(Protestos femininos surgem com o término desta fala).*

Márcia: Então, vamos lá, tem outro rapazinho aqui rindo muito... não quer não?... Você... não quer falar?... Quem quer falar?...

Maura: Bom, eu acho que esse problema é meio machista, né? Porque... eu acho que não depende de ser mulher ou de ser homem, depende da competência e de saber dirigir ou não. E também a mulher é muito mais cuidadosa que o homem pra esses negócios, também...

Viviane: era isso que eu ia falar, eu acho que esse problema é machista, porque hoje a maioria dos acidentes que ocorrem são por homens, mas depende muito da pessoa, porque tem gente que já chega... eu acho que não depende do sexo, se é masculino ou feminino, depende muito da competência, do que que a pessoa é. Agora, se for comparar, a maioria mesmo dos acidentes é causada por homens, que nem a Amália, a Guilherme falou. Meu pai também, sempre ele tá certo, vamos falar com ele, ele “não, não sei o que”, eles acham que sempre eles estão certos. A mulher não, a mulher já está aberta a respostas...

Maura: Já existem mulheres (...) que os homens falam pra elas, e elas aceitam, aí elas têm que ficar quietas...

Leila: E também tem outro provérbio, tipo que contrapõe esse, todo mundo fala “mulher no volante, perigo constante”, e a maioria das mulheres fala “homem do lado, perigo dobrado”. Não vai por aí! Não vai por aí!... Dirige direito!...

Márcia: Você, Lauro.

Lauro: Elas tão falando assim, que a maioria dos acidentes é dos homens, mas a maioria das pessoas que dirigem é os homens. Então...

*Burburinho.*

Márcia: Leandro Fernandes

Leandro Fernandes: Bom, eu acho que, mulher também faz muito assim...enche, porque assim, corre a cinco por hora, na coisa... deixa os homens irritados... daí o homem começa a buzinar, porque ela demora, vira o carro e bate...

*Muitos protestos das meninas.*

Amália: Quando é menino que tá falando, menino sempre bota pro lado deles, pro lado próprio deles! Você colocou que mulher é ruim, agora, nenhuma das meninas virou e falou assim: “é homem que dirige mal”! Nenhuma das meninas virou e falou assim: “ah, eles são ma porcaria no volante, ninguém sabe dirigir”! Sabe por quê? Porque isso daí é o jeito que vocês têm de não saber errar, vocês só colocam a culpa nos outros!

Márcia: Robson

Robson: Ah, eu acho que as mulheres, elas são mais cautelosas nas ruas assim, para dirigir, os homens, como a Guilherme diz, já pega a cem por hora, tá nem aí, já faz assim, muitas vezes os homens também ficam embriagados, batem mais, as mulheres já são bem mais cautelosas que os homens, andam devagar, quando andam devagar não causam acidentes.

Raquel: Eu acho que assim, como o Lauro Marinho falou agora, ele falou assim: “não, até porque a maioria são os homens que dirigem”. O que eu acho que tá falando aqui é a mulher no volante, perigo constante. Quando só o homem que está dirigindo, tem que dirigir com cuidado, não pode passar o radar correndo, independentemente de ser só homem ou não, ele tem que dirigir devagar, eu acho que isso também varia... tem mulher que dirige mal, tem homem também que dirige mal, e também, na minha opinião, tipo, a maioria que dirige mais mal são os velhos.

Márcia: Agora, olhem só, gente. A gente fez, a gente colocou o provérbio...

*Tumulto*

Márcia: olhem só, a gente jogou um provérbio aqui, um provérbio para discutir realmente essa questão do relacionamento homem-mulher e também determinar os papéis, que muita gente acha assim: “mulher só dirige mal, homem só dirige bem, mulher tem que cuidar só de casa, homem tem

que ficar só na rua”. Então, a gente usou essa discussão e eu gostaria de saber, só mais uma ou duas pessoas falassem: vocês acham justa essa divisão? “Mulher é sempre ruim em alguma coisa, homem é bom”... Por que você não acha justo, Amália?

Amália: Ué, porque nós somos todos seres humanos iguais, a gente... nós temos isso... todo mundo fala de preconceito racial, preconceito religioso, mas eu acho que a mesma coisa que fazem com a mulher é preconceito. Se essas pessoas pregam que nós todos somos iguais, então não tem diferença de sexos. A mulher pode muito bem trabalhar e aliás, a mulher ela saiu de casa, mas ela continua em casa e indo ao trabalho, pra ver a versatilidade dela, ela chega em casa ela tem que dar comida, tem que dar banho nos filhos, tem que ajudar a fazer tarefa, que o menino não faz tarefa sozinho, aí, os problemas, a gente fez no trabalho de inglês, os problemas vêm pra cima da mãe, a mulher hoje em dia ela é muito mais equilibrada. E... eu tava vendo... muitas pessoas afirmam, desde os tempos medievais, e tudo, que essa consciência vem de lá, que, aonde foi que fizeram a Bíblia, que começaram a pregar mais, que falam que a Eva saiu da costela de Adão. Eu tava lendo na Veja, uma reportagem até interessante, que na verdade a mulher ela é o “x x”, e o homem é o “x y”, e, eu tava vendo nessa reportagem, que eles desconfiam que esse “y” seja uma quebra desse “x”, que seja uma evolução, que esse “y” surgiu depois, que eram todos, então, isso veio para derrubar essa tese, que a mulher veio do homem. Não, aliás, talvez, então...

*(Ela se interrompe, devido às risadas de alguém ao fundo – o “Dexter”) ...*

Amália: se essa for... Dexter! *(Reclama com o autor das risadas)* Por isso que é ruim, olha o tanto que homem é bobinho! Vive falando a si mesmo... Dexter, não é isso! A gente não tá pregando que mulher é melhor do que homem e nem que homem é melhor que mulher. Aliás, a gente tá pregando que todos somos iguais. Pra que ter essas brigas, essas diferenças? Mulher não é submissa mais. Por exemplo, se você tiver sua mulher e tiver essa postura com ela, a sua mulher vai te deixar na hora! Hoje em dia a gente não precisa de “senhor marido” pra cuidar dos filhos, pode muito bem ser mãe solteira, trabalhar, ter a própria vida, ter os próprios caminhos, trilhar seu próprio destino. Hoje em dia a mulher ela tá mais ou menos igual. Ainda tá um pouco de... relutância, é isso? Isso! Diferença e tudo, porque várias pessoas ainda não aceitam isso, mas eu acho que sim. A gente tá no caminho certo e tomara que todas nós aqui sejamos o exemplo dessa nova geração de mulheres.

---

Márcia: Então tá, vocês leram o livro “A Infância Acabou”, e eu gostaria de ver com vocês então o resumo; me falem um resumo da história... Guilhermino, por favor, eu sei que você quer falar...

Guilherme: É... o livro conta a história de um menino chamado Marcos que o pai dele acabou perdendo o emprego e... gastando todo o dinheiro que sobrava, e, por isso, a situação financeira deles ficou muito ruim. O Marcos continuou estudando na escola onde ele estudava, mas, com o irmão dele, que pagava a mensalidade da escola. Mas, o dinheiro foi acabando, e ele começou a ver essa diferença e a se sentir prejudicado. Então ele começou a correr atrás, ele começou a tentar se virar e, nessa história toda, ele... ele se relaciona com as meninas da escola dele, com as vizinhas mais velhas, e... *(Um murmúrio de sarcasmo emitido por vozes masculinas pode ser ouvido)*.

Márcia: Conta pra gente o que você acha desse relacionamento que o Marcos teve com as meninas. Quais foram essas meninas? Os nomes delas?

Guilherme: É... ele tinha um amor platônico pela Priscila, a menina mais bonita da sala... Patty, chata... mas, ele tinha a amiga dele, a Flávia, que andava muito com ele, e ele considerava ela somente como uma amiga, mas depois com o tempo ele foi vendo que ela não sentia só isso por ele também, e... o relacionamento com a vizinha, que foi... mais assim... por... prazer, físico, entendeu?

Márcia: Você falou que a Patty era chata, uma personagem chata...

Guilherme: Priscila!

Márcia: Priscila? Por quê?

Guilherme: Não, ela no caso, ela na história ela era a riquinha, a que esnobava os outros por ter uma melhor condição, por ser bonita, pisava, entendeu?

Márcia: E o que você acha também do relacionamento que ele teve com essas pessoas: a Priscila, a Flávia e a vizinha, que é a Beth? Você percebeu alguma diferença entre esses relacionamentos?

Guilherme: (Risos)

Márcia: Alguma diferença substancial, além da questão do sexo que ele fez com a Beth.

Guilherme: Não, ele... ele achava que ele gostava mais era da Priscila, por ela ter aquela beleza que encantava todo mundo, mas, no final, ele vê que por quem ele sentia um sentimento maior era a Flávia, que era sua amiga ali, que sempre tava com ele, que vivia num mundo totalmente diferente do da Priscila, em relação à condição financeira, pessoas com quem ela andava...

Márcia: Obrigada, Guilherme. Outra questão, vocês notaram, vocês fizeram alguma observação com relação ao vocabulário, ao uso do vocabulário ali naquele livro? Você, Irma. Não? Você, esqueci seu nome...

Maura: Maura.

Márcia: Maura!

Maura: Ah, tem, né?

Márcia: Quais?

Maura: Ah... tipo, entre os amigos, a gente sempre fala tudo meio que abreviado, pra andar mais rápido, né? Uma coisa mais assim, muita gíria também, embora com o pai dele ele já falava meio assim, mais normalzinho, sem muita gíria também. Mais ou menos isso. (...).

Carla: Eu acho que entre meninos tinha mais gíria, sabe? Entre meninos tem muita gíria, mas entre as meninas é menos.

Márcia: E você vê um porquê disso? Dessa diferença? Você vê um por quê?

Carla: Uai, porque entre meninos é diferente de meninas, agora por quê? Ué, porque entre os meninos... não sei.

Márcia: Então você não percebe o motivo. Alguém percebe o motivo para essa diferença? Guilherme, só um minutinho...

Guilherme: A questão até mesmo da condição financeira, da diferença social, as pessoas com quem eles conviviam. A Priscila, igual, só convivia com gente do nível dela, pessoas mais sofisticadas, andava só com as meninas educadinhas, certinhas. O Marcos não, ele... ele convivia com gente de nível mais baixo, andava só com os meninos que utilizavam muitas gírias também...

Márcia: Que meninos eram esses?

Guilherme: Bom, o Jorge, o Fernandão, o Pedro... é, esses são os principais.

Márcia: E o que cada menino desse, cada personagem desse que ela citou, tinha de especial? Alguém lembra de alguma coisa e queira falar? Berta!

Berta: Como assim, especial?

Márcia: Jorge, o Pedro, né? Você percebe, lembra de alguma característica marcante desses personagens?

Berta: Não, que nem assim: o Pedro era o aluno novato que tinha chegado há pouco tempo na escola e o Marcos, os dois foram muito amigos. Daí o Pedro sempre tava lá para ajudar ele, e, daí eles fizeram aquele projeto do fanzine, daí o Marcos, daí o Pedro "não, a gente faz pra ganhar dinheiro, tudo, pra poder ajudar, faz alguma coisa, tudo". E o Jorge era de uma classe social mais baixa. Ele morava assim, na favela, tudo, o pai passava por problema, daí ele também tinha aquele programa, aquela coisa do... Hip Hop, que ele fazia para não deixar que as outras pessoas com quem ele convivia não entrassem pro tráfico, fumar droga, essas coisas.

Márcia: Você se lembra de alguma coisa marcante que aconteceu com esses rapazes?

Berta: Bom, eu lembro que tava o Marcos e o Jorge, e os dois, daí o... o Marcos tinha ido lá ver como que era esse negócio do Hip Hop e, quando eles estavam lá cantando, ele ouvindo as músicas, ele ouvia aquelas músicas e achava "nossa, isso é muito forte, onde que eles vêem isso?" E daí foi quando aconteceu aqueles tiros e daí quando eles foram ver tinham matado um amigo muito amigo do Jorge. Daí ele se sentiu, ele quase começou a desmaiar, começou a se sentir mal. E daí que ele começou a perceber que aquilo que tava mostrando, que aquilo que tava expressando naquela música é a realidade, então ele começou a perceber mais.

Márcia: E um dia que eles saíram para fazer uma pichação? O que aconteceu? Alguém, por favor, levanta o dedinho? Que eles saíram pra fazer uma pichação pra uma menina que o Pedro gostava, o que aconteceu no meio daquele caminho ali?. Fala pra gente.

Robson: É... eles foram lá pichar. Daí, o guardinha que estava lá começou a estranhar, porque estava de noite, estava tudo escuro, tava muito escuro. Eles começaram a pichar assim, depois que eles saíram eles começaram a rodear o bairro. O guardinha até já começou a desconfiar, pensou que era ladrão. Eles continuaram rodando assim, vendo se alguém já tinha acordado. O guardinha pensou que era outra coisa, pulou na frente do carro, começou a atirar e acabou acertando eles.

Márcia: E aí, depois, o que aconteceu?